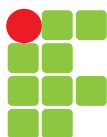


Poemas e Contos

Manacapuruenses

**Criscian Kellen
Alexandre Ehnert
Janaina Gonçalves
(organizadores)
2015**



**INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS
Campus Manacapuru**

Dedicatória

Criscian Kellen Amaro de Oliveira
Alexandre Ricardo Von Ehnert
Janaína Maria Gonçalves
(Organizadores)

Poemas e Contos manacapuruenses



INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS
Campus Manacapuru

2015

Arte, capa e diagramação:
Alexandre Ricardo von Ehnert

Revisão:
Janaína Maria Gonçalves
Alinny Barbosa von Ehnert

Organização da banca avaliadora:
Janaína Maria Gonçalves
Criscian Kellen Amaro de Oliveira

Obra financiada pelo EDITAL Nº 004, DE 01 DE JUNHO DE 2015 –
PROEX/IFAM PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO À REALIZAÇÃO
DE EVENTOS DE EXTENSÃO

Produzido por:
Gráfica Manacá

P763

Poemas e contos manacapuruenses / Criscian Kellen Amaro de
Oliveira, Alexandre Ricardo Von Ehnert, Janaína Maria Gonçalves (Org.) –
Manacapuru: IFAM – *Campus* Manacapuru, 2015.

118p., 21cm

ISBN 978-85-69971-00-9

Coletânea de contos resultantes do 1º Concurso de contos
manacapuruenses do IFAM *Campus* Manacapuru.

Vários autores.

1. Literatura manacapuruense – contos. 2. 1º Concurso de contos
manacapuruenses do IFAM – *Campus* Manacapuru. I. Título.

CDD: 868.91

Catálogo na fonte

Elaborado pela Bibliotecária Cybelle Taveira Bentes CRB - 11/968

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
ALOIZIO MERCADANTE

Secretário Nacional de Educação Média e Tecnológica
MARCELO MACHADO FERES

Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Amazonas
ANTÔNIO VENÂNCIO CASTELO BRANCO

Pró-Reitora de Extensão
SANDRA MAGNI DARWICH

Diretor Geral Pro Tempore do IFAM - *Campus* Avançado
Manacapuru
FRANCISCO DAS CHAGAS MENDES DOS SANTOS

Chefe do Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão
do IFAM - *Campus* Avançado Manacapuru
JULIANO MILTON KRÜGER

Coordenador de Extensão do IFAM - *Campus* Avançado
Manacapuru
ALEXANDRE RICARDO VON EHNERT

Coordenadora do Projeto de Extensão
Poemas e contos manacapuruenses
CRISCIAN KELLEN AMARO DE OLIVEIRA

Prefácio

Você já imaginou uma época em que os espanhóis pagavam aos índios em ouro puro por artigos retirados da floresta? Ou pode imaginar histórias de amor que acontecem em meio às tribos guerreiras, no caso manacapuruense, os mura? Povo de armas, valente, mas que lutam e amam com igual intensidade! Tucunarê, peixe ou mulher? Tacacá, guerreiro ou iguaria da região? Perguntas aparentemente fáceis, mas que encontram respostas complexas dentro da cultura de tão esplêndida região.

Você já ouviu falar sobre a grande cobra que vive embaixo da Igreja da Matriz? Fontes fidedignas afirmam que ela é a principal responsável pelo desbarrancamento das margens do rio. Não é de se admirar, haja vista o tamanho do bicho, que há muito tempo mora lá.

Temáticas indígenas permeiam muitas das lendas e ainda dão sentido a vida de muitos manacapuruenses. Flor Matizada: ciranda, flor, comida. Espere aí, comida? Existe quem diga que até é gostosa. Quer provar?

Cidade do interior também tem muita gente ilustre, gente de bem e de mal. Nem todos se conhecem, mas algumas pessoas são conhecidas por todos. Duvido em Manacapuru quem não conheça Lourenço, figura ilustre e falada na boca de todos.

Gente-bicho tem de monte. Mulher boto, mulher porca, homem cobra, enfim, gente e bicho na Amazônia se confundem como sendo uma coisa só. Quem não conhece um filho do boto? Eu mesmo conheço um.

Mas quem quer mergulhar na história desconhecida de Manacapuru tem que saber acerca da mulher de

vestido vermelho. Linda, enigmática, mas para conhecê-la temos que conversar com o velho Chico, contador de histórias daqueles que estão entrando em extinção, mas que faz a alegria tanto da criançada quanto dos adultos ao se sentar e contar tudo que sabe acerca das histórias secretas da região. Tudo verdade, juro.

Muitas histórias, algumas verídicas, outras “causos” contados de geração em geração (e que ninguém sabe precisar qual a parcela de realidade e de sonho que carregam) fazem parte da cultura manacapuruense. Conhecer este povo é conhecer suas histórias, sua forma de ver e compreender o mundo que os cercam, e principalmente participar de um mundo que ao mesmo tempo está tão perto e tão longe de nós. À distância de um sonho.

Os autores

SUMÁRIO

Poemas

Acheia	13
Ailson Cavalcante Duarte	
Andando pela floresta	15
Hilton Barros de Castro	
Filhos da pesca	18
Rozeana Moreira	
Manacá minha pátria	20
Maria Francisca da Silva Lima	

Contos

A Cobra Grande	21
Alexandre Lima	
A Cobra Grande e o boto rosa	23
Lindobergue Maricaua Teixeira	
A Cobra Grande e o caçador	26
Mirrana da Silva Pinto	
A flor e a música	30
Janeth Vidal	
A lenda do boto encantador	34
Marilene Gomes do Nascimento	
A lenda do curupira de Manacapuru	36
Ana Cleide Souza da Silva	

A lenda dos Muruxim	38
Vanderlane Silva	
A menina boto rosa	40
Jessica de Araujo Farias	
A Semana Santa	42
Sianuk Alves Meira	
Cobra Grande	46
Kátia Alves Dangelo	
Estranha fumaça	48
Cindy Bervely Sena Rodrigues	
Flor de Manacá	51
Janaína Maria Gonçalves	
Florinís	55
Débora Gordiano Simões	
História de amor na tribo Mura	59
Adriano Pereira da Silva Martins	
Lourenço	64
Derlane Picanço Ferreira	
Manacapuru (Flor Matizada)	66
Nabi Mesquita Martins	
Mulher porca	68
Adriana Silva de Almeida	
O amor de Manacá e Puru	70
Ellen Cristina Souza de Oliveira	

O contador de histórias	74
André Junior de Lima Figueiredo	
O conto de Yara	77
Ingrid Silva Lima	
O curumim e o passarinho.....	81
Maria Francisca da Silva Lima	
O encanto de um jovem sedutor.....	85
Maíra Barbosa de Oliveira	
O encanto	87
Jairo Vinícius Souza Franco	
O fogo-fátuo.....	91
Alexandre Ricardo von Ehnert	
O gritador da olaria	96
Pedro Monteiro da Silva	
O vaqueiro Jerônimo e a sereia.....	99
Márcia Pantoja	
Rara beleza de Manacá.....	102
Cristiane Barros Praia	
Tio Nato	108
Andressa de Oliveira Batista	
Um amor interrompido	111
Socorro Pessoa	
Um amor por acaso	113
Misael Carvalho Lopes	

A cheia

Ailson Cavalcante Duarte

Cabeça de peixe, cabeça de peixe

Caiu no meio do terreiro

Caboclo com fome

É caboclo agoniado

Sem o que fazer

Sem o que comer

Anzol na água

Cabeça de peixe na panela

Minha Amazônia cheia

Minha barriga vazia

O que fazer

Sem o que comer

É tanto tempo

Água boiando

E meio tempo

Água boiando

Seja água branca

E só lamento

Seja água preta

Cadê meu sustento

Minha Amazônia. Boiada

Tanta água, tanta água

Cabeça de peixe, cabeça de peixe

Matou minha fome.

Andando pela floresta

Hilton Barros de Castro

Era noite de domingo, era escuro como o breu,
depois de um vento forte, veio raios, trovões,
granizos, redemoinhos, mas não choveu.
Quantas pedras no terreiro, assovios e açoitadas,
que susto tenho levado da senhora mãe da mata.
Que coisa mais absurda, pelo pouco que eu fiz,
levei várias chicotadas, cai, levantei e corri.
Por um sujeito atrevido, que se acha dono de tudo
pequeno, fedorento, barbado e barrigudo.
A floresta não é dele, mãe da mata ele não é,
ele é muito atrevido, bobo, feio e batoré.

Sempre caçei por estas matas, de paca, jabuti ao inhambu,
é uma terra abençoada chamamos de Manacapuru.
Mas tem coisas intrigantes, neste mundo a desbravar,
Dê-me um pouco de atenção no que tenho a lhes contar.
Saí de casa cedinho, com intuito de caçar,
sempre mato muitos bichos, cotia, macaco, queixada e o
arisco gato maracajá.
Entre paus pedras e grotas, montanhas a alcançar,
tomei um banho gelado com flores de manacá.

Com minha arma em punho, guiei-me floresta adentro,
“mato hoje um bicho grande, isso, ou não me contento”.

Quanto mais longe mais barulho, forte estava o vento a soprar,
o primeiro animal que vi atirei para assustar.

Mas o tiro foi certo e o animal caiu,
roncou, esperneou-se um bocado, levantou-se olhou pra mim e fugiu.

Um pouco mais adiante outro porco eu avistei,
outro tiro impetrado, outro berro ele fez,
mas ouvi do que o vi, caiu, estrebuchou-se um bocado,
correndo dali zarpou.

Atirava no que via e também no que não via,
em um momento da caçada uma coisa estranha me ocorria,
tive uma sensação danada que algo me perseguia.

A coisa estava estranha, com bichos a me olharem,
medo de mim não tinham, estavam prontos a atacar,
valentes, fortes e unidos, como as tribos dos muras.

A primeira vez que na mata, acuado fiquei,
montado em um porco, um baixinho apareceu,
com um chicote nas mãos, pés descalços,
que susto me deu!

De repente a ventania pôs a floresta a assoviar,

o dia estava acabando era hora de voltar,
com essas coisas estranhas só me resta esperar.
Dei meia volta e parti, tremendo e arrepiado,
sem perder tempo, sem olhar, se vinham ou tinham
ficado,
um dia é do caçador e o outro é da caça.
Fiquei muito inseguro, no destino a percorrer,
pensei, o que farei agora? O que vai acontecer?
Caso erre o caminho onde vou amanhecer?
O medo era tão grande comecei a correr.
Senti um vácuo no vento, e o ouvido a zumbir,
foi uma tapa segura, tropecei, cambaleei e caí.
Levei uma chicotada, quiquei, levantei e corri.
Cada tapa que eu pegava, uma queda eu levava,
em seguida levantava com açoite a chicotadas.
Até que chegasse em casa apanhei feito um cão.

Aposentei a espingarda acho que aprendi a lição,
a selva não esta só, alguém lhe da proteção.
Eu que sempre obtive êxito, nas caçadas por aqui.
Matei muitos bichos de casco, tatu, tamanduá e quati,
hoje prefiro a pesca às margens do Miriti.

Filhos da pesca

Rozeana Moreira

Madrugada, sol a raiar, trilha do mato vazia,
e eu me escondia pelo caminho.
No céu sozinho um gavião a voar
me bateu de raspão e comecei a gritar,
ele me viu, me mandou voltar.
Às vezes isso dava certo.
A volta pra casa nem sempre era perto,
decidia me levar.
Daí eu me animava, na canoa entrava,
raspando a cuia pra tirar água,
a paçoca cantando, o estralo do peixe boiando...
Escuta o barulho... é o jaraqui, agora é o bararuá.
Não pegue na lagarta d'água!
Êta, como é bom pescar!
Meu pai, pescador de garateia, bom no fazer,
melhor no usar, o dia inteiro no rio a pescar,
a canoa era boa porque eu podia
no fim do dia te ver voltar.
Mas o barco era ruim
porque quando saía eu sentia a alma vazia
e sabia que ia demorar...
Tardes inteiras a esperar...

Na beira d'água, no tronco sentada,
o pé na água, queixo no joelho.
Ao lado numa casinha um relógio com uma galinha
marcando os segundos e eu no meu mundo.
Olhar profundo observando o rio.
Tristeza que nunca se viu.
O dia findava, eu voltava pra casa.
A noite lembrava teu jeito
quando o medo apertava eu deitava em teu peito
alisava tua barba e o medo passava.
A noite avançava, a saudade doía, chorava.
Quando será que ele vai voltar?
Mas sempre tinha um dia que alguém dizia
Olha, já vão chegar.
Daí eu corria pra esperar.
Na beira d'água, no tronco sentada,
o pé n'água, queixo no joelho.
Ao lado numa casinha um relógio com uma galinha
marcando os segundos e eu no meu mundo.
Olhar profundo observando o rio,
de longe um barco, um assobio.
Eu corria n'água pra te abraçar.
Então me carregava e me apertava.
E no teu olhar, o amor que só você pode me dar.

Manacá minha pátria

Maria Francisca da Silva Lima

Sei que minha pátria é terra, é fogo, é água, é ar.

Nessa cidade verde ouro, de cores e amores que faz a sua gente sonhar.

Terra de fé e esperança, de luta e mudança que os jovens expressam no olhar.

Cidade do negro e do branco, do índio e do pardo, mulato guerreiro que sabe lutar.

Esse povo não faz discriminação, são amigos e são irmãos, caminhando lado a lado construindo uma nação.

Cidade das águas barrentas, das samaúmas gigantes, da floresta encantada e dos arco-íris deslumbrantes.

Essa é a terra dos mitos e lendas, da onça pintada, do boto-cor-de-rosa e do canto do bem-te-vi.

Manacá da dor e alegria, da esperança e harmonia, como se fosse uma sinfonia ao som de uma linda canção.

Essa é minha pátria, do curumim e da cunhatã dos pés descalços que vai à escola aprender sua primeira lição, lutando pelos seus direitos para tornar-se um cidadão.

Princesinha da primavera chuvosa, do céu estrelado, das noites quentes de verão, minha pátria das águas serenas, das revoadas dos pássaros que acalma o coração.

A Cobra Grande

Alexandre Lima

Manacapuru é uma cidade localizada no Estado do Amazonas, que está situado na região Norte do nosso imenso Brasil. É um local que encanta todos os amantes que estão em busca de uma variedade de belezas naturais, que a torna admirável por todos. Assim é nossa querida cidade flor de manacá. Para muitos Manacapuru não é apenas uma cidade de belezas naturais, para seus moradores ela esconde muitas lendas, a mais falada entre os nossos queridos manacapuruenses é a história da Cobra Grande.

Uma serpente que habita debaixo da Igreja Matriz que se estende até a antiga serraria do português - assim relatam os antigos de nossa cidade. José é um desses moradores que afirmam que a Cobra Grande se esconde nesse local, e que quando ela se mexe causa deslizamento de terras nas margens do rio que fica no entorno da serraria. Fato que realmente causa estranheza nos populares mais crédulos, pois algumas vezes caiu terra nas proximidades onde a serpente mora. Para os moradores mais incrédulos, as terras caídas são apenas fenômenos da natureza.

Mas certo dia seu João, um saudoso morador da cidade, conhecido por ser um grande pescador, estava em sua canoa fazendo sua pescaria habitual de todas as manhãs. Estava próximo à toca da serpente quando inesperadamente um forte e temeroso banzeiro deixou-o assustado. Ele sem saber o que fazer começou a remar, entretanto novamente um grande reboição na água voltou acontecer.

João rapidamente olhou para todos os lados com medo, nesse momento avistou na margem do rio algo que ele mesmo não acreditou que via. Ele avistara a Cobra Grande.

Logo o boato se espalhou pela cidade e todos vinham ao seu encontro querendo saber sobre o acontecido. Na certa seu João contará para todos o que lhe aconteceu, para alguns são apenas histórias de pescador, afinal se ela existe ou não fica a dúvida. Porém, para os saudosos moradores José e João, a Cobra Grande faz parte da verdadeira história manacapuruense.

A Cobra Grande e o boto rosa

Lindobergue Maricaua Teixeira

Em uma pequena vila do Amazonas chamada Manacapuru na beira do Solimões vivia a tribo dos guerreiros Muras. Tribo de índios fortes, valentes e com as mais belas índias da região. Manacapuru era uma cidade pacata, com exceção de alguns acontecimentos que ocorriam em época de lua cheia.

No período em que a lua estava com sua luz total acontecia algo bastante estranho: homens desapareciam e mulheres apareciam grávidas. Todos os rapazes sempre que completavam dezoito anos em época de lua cheia ficavam apreensivos, pois era nesse período que desapareciam sem deixar nenhum vestígio e as gurias apareciam prenhas.

Foi em um desses ocorridos que uma índia apareceu com um belo barrigão e passado os nove meses essa índia deu a cria a uma bela indiazinha. Tal indiazinha era diferente de todas que já existiram na vila dos guerreiros Muras, tinha os cabelos brancos, pele rosadinha e um belo par de olhos azuis como o azul do céu. Tão bela que os olhos que a olhavam se admiravam por nunca ter visto uma perfeição tamanha. E quanto mais crescia mais bela se tornava.

Potira era como se chamava essa bela indiazinha. Ela era bastante querida pelo seu povo, e pela sua beleza era adorada como uma deusa pelos índios Mura, contudo, tinha momento que Potira passava horas na beira do rio Solimões só olhando as águas. Muitas vezes parecia conversar com o rio, assim era a vida da indiazinha.

Quando Potira completou seus dezoito anos, os

moradores de Manacapuru resolveram fazer uma grande festa para a deusa protetora da tribo. Coincidentemente essa festa era em noite de lua cheia. Os Muras bebiam e se alegravam, e entre eles tinha um homem que chamava a atenção das índias da vila, usava chapéu e roupas brancas e era um homem muito bonito. Entretanto, seus olhos estavam em uma índia em especial, tal índia era Potira, porém estranhamente ele não se aproximava da bela indiazinha e nem ela se admirava com o belo homem, eles apenas se olhavam e sorriam um para outro.

Em meio à comemoração Potira foi caminhar na beira rio Solimões, estava um lindo luar. De repente, ela olhou para o meio de rio e avistou duas bolas de fogo e cada vez mais essas bolas se aproximavam dela. Potira não conseguia se mexer, ficou parada, assustada e com tremor em todo corpo. O que se aproximava era um ser estranho com dentes enormes e cabeça com chifres, tinha um grande corpo alongado: era a terrível Cobra Grande. Ela ficou aterrorizada e gritou muito alto.

Os guerreiros Muras ouvindo seus gritos saíram a sua procura e logo avistaram aquela cena indescritível na beira do rio, mesmo os Muras sendo muito valentes não tiveram coragem de se aproximar. Todos gritavam assustados para que Potira se afastasse do local, porém ela não parecia ouvi-los. Quando tudo parecia perdido, saiu um homem do meio dos guerreiros Muras, correndo de uma forma desengonçada em direção a indiazinha e do ser estranho. Era o belo homem galanteador. Ele mergulhou no rio Solimões entre Potira e o ser estranho, dando início a uma batalha nunca vista.

Essa batalha foi assustadora, o rio espumava, ondas enormes derrubavam o barranco de terra, peixes pulavam fora d'água em busca de escapar de algo terrível. O rio todo tremia e grandes redemoinhos apareceram na água. Foi uma batalha tremenda que durou até a lua cheia

desaparecer do céu.

Quando rio Solimões se acalmou foi que notaram que a Cobra Grande boiava sem vida no rio, porém não encontraram a indiazinha e nem o belo homem que enfrentara a fera. Procuraram por toda a vila de Manacapuru e por toda beira do Rio Solimões, porém Potira jamais foi encontrada.

A Cobra Grande e o caçador

Mirrana da Silva Pinto

Em um município no interior do estado do Amazonas, mas precisamente às margens do rio Solimões dois senhores, seu Manelinho e seu Raimundo, sendo este último mais conhecido como caçador, em uma linda manhã, resolveram ir à pesca e caça como sempre faziam.

Então partiram para suas atividades em sua canoa simples, porém de madeira muito boa e também grande para que pudessem colocar nela sua caça e seus peixes.

A caminho de um lugar estratégico, ou seja, um lugar onde fosse bom para armar suas malhadeiras para que depois pudesse caçar, seu Manelinho disse:

- Caçador, vamos à capela da Igreja Matriz?

E seu Raimundo caçador, também muito devoto, aceitou.

E assim eles foram. Ao chegarem ao local, perceberam por ali as pessoas sussurrando sobre um assunto que parecia amedrontá-los. Eles então ignoraram e entraram na capela para fazerem suas rezas.

Quando saíram havia algumas crianças brincando ao redor da igreja, e seu Manelinho resolveu chamar uma das crianças para perguntar o porquê das pessoas estarem daquele jeito, assustadas.

- Vem cá curumim!- Gritou seu Manelinho .

Uma das crianças se aproximou e disse:

- Diga seu Manel.

- Aconteceu alguma coisa por aqui?.

E o menino respondeu:

- Nem sei lhe dizer direito, ontem quando a gente estava na missa a terra daqui tremeu, o padre disse que era a Cobra Grande, seu Manel.

E o seu Manelinho perguntou assustado:

- Que Cobra Grande menino?

- Não sei seu Manel, pergunte ao padre. Disse a criança.

E seu Manel foi atrás do padre. A caminho da casa dele seu Raimundo disse:

- Deixa disso homem, isso é invenção do povo.

- Que nada caçador, vamos logo. .

- Rapaz Manel, então vá você lá porque eu vou atrás de armar minhas malhadeiras - respondeu seu Raimundo caçador.

E seu Manel o deixou ir.

Enfim, chegando à casa do padre, seu Manel entrou e lhe pediu benção e o padre assim o abençoou.

Seu Manelinho foi direto ao assunto, disse:

- Padre, que história é essa de Cobra Grande?

O padre respondeu:

- Ah, meu filho, é uma longa história. A nossa capela, Manel, foi construída em cima de um buraco. No meu tempo de criança as freiras diziam que esse buraco foi feito por uma grande cobra e que ali era apenas onde ficava sua cabeça. Houve um tempo, continuou ele, em que ela se manifestou e causou grande estrago na vila.

Parece que até ontem ela dormia, mas depois daquele tremor deve ter saído pelo túnel que ela mesma construiu, por isso o chão tremeu. Hoje ela está por aí em busca de comida e logo voltará.

E seu Manel assustado disse:

- Meu Deus, padre! Raimundo, meu amigo caçador, acabou de sair para o rio para armar suas malhadeiras.

-Manel, meu filho, é muito perigoso sair para pescar. Eu tentei avisar a todos!

-Padre, me arrume uma canoa, preciso avisar meu amigo. - Disse seu Manelinho.

-Pegue a canoa do Pedro, esta lá na beira. - Respondeu o padre.

-Já vou lá. -Disse seu Manel, e saiu correndo.

O padre gritou:

- Estarei rezando por vocês!

Então seu Manelinho pegou a canoa de seu Pedro que estava com um motor rabeta, o que tornaria sua viagem mais rápida.

Seu Manelinho ia desesperadamente olhando para todos os lados, quando de repente sentiu um banzeiro forte que quase o joga fora da canoa.

Quando ele olhou a sua frente, mais ou menos uns 100 metros ele viu aquele bicho enorme. A tal Cobra Grande estava a devorar seu amigo com canoa e tudo. Em questão de segundos o bicho sumiu por entre as águas e ele viu apenas destroços de sua canoa. Seu Manelinho aos prantos voltou para a vila.

Quando ele se aproximou viu o povo no beiradão, todos estavam assustados, e lá também estava o padre.

Quando Manel saiu da canoa o padre desesperado perguntou:

- Cadê o Raimundo meu filho?

Neste momento o chão da vila tremeu de novo, provavelmente a cobra voltando para o buraco de onde saíra. Com os olhos cheios de lágrimas, seu Manelinho respondeu:

-Sim padre, com certeza ela voltou, pois agora esta de bucho cheio.

E todos começaram a chorar e lamentar a morte de seu Raimundo, o caçador.

A flor e a música

Janeth Vidal

Em certo domingo de primavera, numa pequena cidade do interior, o vento surrava as folhas das árvores, as flores cobriam o chão como um cobertor colorido, os pássaros cantavam e um doce perfume tomava conta da cidade que possuía poucos habitantes e casas simples rodeadas de árvores e jardins.

De repente, uma janela se abre e uma brisa doce e suave invade o quarto, tocando suavemente o rosto de uma linda garota. Ela com traços delicados, os cabelos longos e negros como a noite, a pele alva como a lua, os lábios rosados e um olhar doce e cativante, mas que parecia triste e inquietante usava um vestido lilás e uma fita branca na cintura. Suas mãos seguravam firmemente as grades da janela e seus olhos procuravam avidamente por algo, porém nada parecia satisfazer seu olhar desesperado e ansioso. Frustrada. Decepcionada. Ela fecha a janela como se fechasse as portas de seu coração e deitando-se na cama fecha os olhos como se quisesse sumir.

Segundos depois, suas mãos ficam geladas, seu coração acelera e bate intensamente como se fosse sair pela boca, a respiração fica ofegante e a boca ressecada. Levantando rapidamente da cama tenta chegar até a janela, contudo uma leve tontura toma conta de seu corpo, suas pernas trêmulas não obedecem, ela cai e levantando com passos incertos tenta chegar até a janela e empurrando abre-a bruscamente como se precisasse de ar para respirar. Suas mãos trêmulas se grudam as grades e seus olhos finalmente encontram o que tanto procuravam desesperadamente.

Embaixo de uma árvore, sentado, um rapaz toca seu violino como se estivesse embriagado pelo som de sua música. Ele toca freneticamente de olhos fechados sem perceber que alguém o observa. A música de seu violino é avassaladora para a garota que parece enfeitiçada. Tocando, o rapaz levanta e completamente envolvido por sua música gira, gira e girando para em frente à janela e abrindo os olhos ele a vê: linda, doce, apaixonante como um anjo diante de seus olhos, ela sorri carinhosamente e seus olhos brilham como estrelas em noite de luar. Naquele instante o tempo parece estagnado, seus corações batem no mesmo ritmo como uma sinfonia de emoções. Apaixonados, eles não trocam sequer uma palavra, entretanto conversam pelo olhar e como se ela lhe pedisse em segredo no sussurrar de um vento. Ele volta a tocar sua música e ela se sente irresistivelmente aprisionada nos acordes de seu violino.

Durante dias, ele vai até aquela janela e toca, toca, toca sem parar o violino; a garota está visivelmente cansada e pálida, porém ao ouvir a música parece renascer, reviver como se cada música fosse um sopro de vida em seu corpo frágil. Eles não precisam dizer uma única palavra, pois dizem tudo em um simples olhar.

Uma semana antes de terminar a primavera, ele decide falar com a bela garota e convidá-la para ir numa apresentação de músicas, da qual vai participar e onde pretende tocar a música que compôs pra ela. Como vai tocar em uma apresentação importante não tem tempo de ir vê-la. Sem saber de nada ela o espera na janela como faz todos os dias, no entanto ele não aparece. Muito abatida e triste fecha a janela lentamente na esperança de o ver chegar. Três dias se passam, ele vai até a casa da garota da janela todo contente, porque finalmente vai se declarar para ela. Chegando lá percebe que a janela está fechada, mesmo assim começa a tocar na esperança de sua amada

abrir a janela, infelizmente isso não acontece. Nervoso, tenso, preocupado ele decide bater na porta e pedir para falar com ela. Parado em frente à porta respira profundamente como se estivesse tomando coragem, suas mãos estão geladas, seu coração bate freneticamente e dominado pela emoção bate na porta. Será que ela vai estar atrás da porta? Uma mulher abre. Ela está abatida, triste e uma sombra paira em seu olhar. O rapaz pergunta por sua amada e ela lhe diz algo perturbador, parece não acreditar no que ouve, balança a cabeça e sai correndo desesperado, contrariado, perdido, com lágrimas nos olhos. O rapaz corre pelas ruas com seu inseparável violino nas mãos, como se não soubesse para onde ir. Olha em volta, parece procurar por ela, mas seu coração sabe onde encontrá-la.

Chegando a um local cheio de flores e silêncio, procura desesperadamente por algo, sem querer encontrar e de repente ele para sem acreditar no que vê. Caindo de joelhos no chão se entrega ao choro. Diante de seus olhos a foto dela. Exausto, cansado e sem forças toca a foto, ela está sorrindo com seu olhar de anjo. Aquele olhar que ele conhece tão bem e tão profundamente. . . Ele chora e suas lágrimas caem sobre o túmulo. Agora ele está sozinho, abandonado, sem sua amada. O que fazer? Para onde ir? Seu coração está partido, sangrando, dilacerado. Só lhe resta tocar mais uma vez, esperando que ela ouça e que volte pra ele. Chorando ele toca a música que compôs para ela, toca enlouquecidamente, pedindo, implorando exaustivamente para ela voltar. Sem forças, completamente esgotado, adormece ali mesmo. No dia seguinte ao acordar, não acredita no que seus olhos veem. O túmulo dela está coberto de flores, lindas flores lilás e branca, ele as toca maravilhado como se tocasse em sua amada. Sorrindo toca novamente sua música e suas lágrimas caem sobre as flores regando elas com o seu amor. Desse amor nasce essa flor linda que ele chamou de

Flor Matizada. E quanto mais ele tocava a música de sua amada mais as flores pareciam vivas. Muito tempo passou e sempre que podia ia tocar para sua amada, assim se sentia perto dela. Eternamente unidos pelo amor!

A lenda do boto encantador

Marilene Gomes do Nascimento

Em certa cidade localizada na extrema do rio Solimões, morava uma linda mulher, seus olhos eram azuis igual o mar, seus lábios eram rosados, seus cabelos longos e loiros que possuíam o brilho próprio de um luar, sua pele era macia e delicada, sobretudo era tão linda que todas as moças que viviam naquela cidade sentiam inveja por ela ser tão bonita.

Em certo dia passeando à beira do rio Solimões avistou um boto, fechou os olhos e disse:

- Boto, se é verdade que você existe e se transforma em um lindo homem e apareça para mim!

Porém, nada do que pediu aconteceu. A vontade dela de ver um boto se transformar em homem era tão grande que se tornou rotina passar naquele lugar no mesmo horário para que pudesse ver o boto. Mas o que desejava nunca acontecia, passando a acreditar que a história do boto era apenas uma lenda.

Um dia estava em sua casa quando soube que haveria uma festa na orla do Miriti que iria abalar a cidade, mas na verdade ninguém a havia convidado por ser a mais invejada da cidade. Mais isso não a abalou, vestiu um lindo vestido azul para combinar com seus olhos e ao terminar de se arrumar olhou para si e disse:

- Hoje a festa é minha e pressinto que terei uma boa surpresa!

Acreditando em sua intuição foi para a festa. Chegando lá todas as moças da redondeza olharam com desprezo para ela, que se sentindo desprezada sorriu para

elas e disse:

- Hoje nada me abala, doa a quem doer, mas a noite é minha!

Afastou-se delas e começou a dançar, todos os homens queriam dançar com ela, mas nenhum foi capaz de fascinar seu coração.

Tendo curtido muito a festa parou para olhar o lindo luar que refletia na água do rio Miriti, quando de repente uma voz sussurrou em seu ouvido, dizendo-lhe:

- Pensando em mim, clamou pelo meu nome. Nunca vim, mas hoje serei seu!

A moça viu que o rapaz era muito lindo, mesmo não entendendo nada do que estava acontecendo não perdeu tempo, pegou em suas mãos e chamou-o para dançar. Todas as mulheres daquela festa olhavam com um jeito ainda mais invejoso, porque ela havia encontrado o moço mais bonito daquela região. Passando momentos de trocas de olhares entre a moça e o rapaz, eis que houve beijos, abraços, deixando-a mais apaixonada. Quando de repente o homem disse:

- Tenho que ir, já está na hora.

A mulher não entendendo nada do que estava acontecendo pediu que não fosse, mas ele sem pensar duas vezes a beijou novamente e foi em direção ao rio, despedindo com um lindo olhar e sorriso.

A moça olhou e chorou, pois somente aí percebeu que, o que havia pedido para o boto havia acontecido. O homem nunca mais apareceu, nem como forma humana e nem como boto, deixando apenas saudades daquele verdadeiro amor.

A lenda do curupira de Manacapuru

Ana Cleide Souza da Silva

Há alguns anos na cidade de Manacapuru, conhecida como Princesinha do Solimões, o povo contava a lenda do curupira.

Havia uma região que se chamava Recanto do Curupira, nessa floresta ninguém podia entrar, porque todos que entravam nesse local saíam louco.

O curupira protegia tudo que tinha na floresta, inclusive os animais.

Certo dia um rapaz desobedeceu à ordem do curupira e entrou no recanto dele, mesmo sabendo que não podiam entrar. O rapaz teimoso começou a andar pela floresta, e o curupira começou a jogar pedras no rapaz e bater com um cipó na costa dele.

O curupira atacando para todos os lados, e o rapaz desesperado gritando com tanta dor, sem saber o que fazer. O rapaz olhava para todos os cantos para ver o rosto do curupira, mas só enxergava o curupira de costas. O cabelo do curupira era tão grande que chegava a seus pés. Seus pés tinha a forma contrária ao pé de um homem. E cada vez mais o rapaz se via perdido na floresta. Dois dias depois já não aguentava de tanta sede e fome, e ele pediu para o curupira que mostrasse o caminho de volta para casa.

O curupira ouvindo o clamor do rapaz resolveu deixá-lo ir embora, mas avisou, nunca mais entre neste local proibido.

Ao chegar a casa, o rapaz estava delirando com muita febre, ninguém sabia mais o que fazer e resolveram

levá-lo à casa de um curandeiro. Chegando na casa do curandeiro sua família contou o que havia acontecido, e este que se chamava seu Francisco disse-lhes que o curupira havia assombrado o rapaz por isso ele estava quase doido.

O curupira não suportava a ideia de que as pessoas invadissem seu habitat, por isso ele judiava de todos que entravam neste local. Sendo que os principais invasores eram os caçadores e lenhadores.

Assim contam as pessoas mais antigas de Manacapuru.

A lenda dos Muruxim

Vanderlane Silva

Em um pequeno bairro de Manacapuru, se iniciou uma invasão que ficou conhecida como bairro da Liberdade. Sabe-se que muito antes de ser invadido o mesmo foi habitado por índios, dos quais não se sabe a origem.

Esses índios habitaram o lugar por muito tempo, eram conhecidos por serem guerreiros extremamente valentes que usavam de sua força para derrotar seus inimigos. Praticavam ritual onde sacrificavam animais em troca de benção de seus deuses.

O tempo passou e a tribo de índios Muruxim foi exterminada em guerras com outras tribos, mas antes de serem exterminados o pajé da tribo lançou uma maldição no rio que ficava próximo da aldeia: toda criança de cinco anos do sexo feminino que entrasse no rio no final da tarde se transformaria em um animal, o qual não conseguiria nem olhar, pois ia sumir para sempre nas profundezas do rio.

Essa maldição só poderia ser quebrada por duas crianças gêmeas do sexo feminino ao completar cinco anos em um dia que a lua fosse cheia. As pessoas que habitavam aquele lugar depois que os índios foram exterminados, já não aguentavam mais o sofrimento de perder suas filhas.

Do relacionamento de um lindo casal nasceu duas meninas fruto de muito amor, o nascimento das crianças foi motivo de muita alegria para as pessoas daquela comunidade, pois eles viam nas crianças a chance de quebrar a maldição.

As meninas eram de uma beleza cativante e de uma inocência que não lhe permitia imaginar o que ainda haveriam de passar. As crianças eram alegres e brincalhonas. O tempo passou e as meninas cresceram e próximo de completar cinco anos seus pais explicaram a elas o que seria feito.

Chegou o dia tão esperado por todos, o dia em que a maldição seria quebrada. Todo o ritual foi feito exatamente no dia em que as crianças completaram seus cinco anos, era uma noite de lua cheia e a maldição foi quebrada para todo o sempre. Gerando daquele dia em diante muita alegria às pessoas daquela comunidade, pois sabiam que nunca mais perderiam suas filhas para o rio que antes era maldiçoado.

Sendo a comunidade daquele dia feliz e harmoniosa com todos que dela faziam parte. Muitas meninas nasceram fazendo com que a comunidade crescesse muito mais.

A menina boto rosa

Jessica de Araujo Farias

Em uma cidade pacata do Amazonas nasceu Sayma, uma menina de olhos graúdos e tristonhos, de pele morena cor de jambo, cabelos compridos e negros como a noite sem luar.

Ela nunca conhecera sua mãe, pois a mesma viera morrer depois do parto, e seu pai um pescador sem destino e sem paradeiro, tinha ido embora antes que a menina nascesse.

Sayma criou-se passando de mão em mão, de um e outro, sem amor e carinho. Era infeliz e carregava tristeza até no seu caminhar, fazia tudo sem vontade, sem alegria, sem nenhuma expectativa, empurrava a vida com a barriga e assim ia levando. Todos os dias ia até a beira do rio pegava sua canoa e ia pescar. Vendia os peixes para se alimentar e comprar uma roupinha de vez em quando.

Em uma de suas pescarias, ela veio a conhecer o boto, se encantou pelas piruetas que ele dava no ar e pelo tom rosado de sua pele. Deslumbrada, passou a observar o boto rosa. Sempre que o via sentia seu coração palpitar e acelerar, ela percebeu que sentia amor, sentimento esse que até então ela desconhecía, passando assim a ter desejo de se transformar em um boto rosa.

Apesar da vida sofredora e de não ter ninguém que a cuidasse e a amasse, uma coisa a ensinaram :, “orar e ter fé” que um dia sua vida mudaria. Lembrando-se disso passou então a todas as noites, em sua cama de papelão debaixo de um banco da praça, a orar e pedir a Deus que virasse um boto para brincar no rio Negro.

Um dia, já desesperada de ver tanta maldade no

coração das pessoas que a ela só faziam o mal e a tratavam como animal correu sem direção e com lágrimas no coração, olhou para o céu abriu os braços e da ponte se jogou. Segundos antes de cair na água pediu a Deus para lhe perdoar, mais naquele mundo não iria mais ficar. Muita gente se juntou para a busca do corpo da garota que se jogara no rio, mas foi em vão, pois a menina sofredora seu sonho realizou.

Misteriosamente um belo boto rosa brincava no rio Amazonas, no local onde a menina havia desaparecido.

A Semana Santa

Sianuk Alves Meira

Em uma vila do interior de Manacapuru por nome Joari morava com sua família um ribeirão por nome Joaquim, ele muito humilde e religioso, guardava todos os dias santos. Junto com sua esposa e seus dois filhos sendo um homem e uma moça. O homem que era o mais velho se chamava Manoel, a moça chamava-se Mariazinha e sua esposa se chamava Raimunda. Seu Joaquim e sua família guardavam com muito respeito e fé a Semana Santa, seus filhos e esposa também eram muitos religiosos.

Seu Joaquim contava muitos contos e fatos sobre quem não respeitava a Semana Santa. Na infância dos seus filhos quando falava desses fatos trazia-lhes muita curiosidade e medo de não guardar os dias santos.

O tempo passou e seu Joaquim e sua família continuavam com sua velha e pacata vida. Seu Joaquim gostava muito de pescar e sempre que podia estava nos rios com seu anzol dentro d'água. Sempre levava consigo sua lata de farinha, sua lata de fumo e sempre que podia levava seu filho como companhia. Manoel era um rapaz calmo, mas muito curioso, e sempre enchia o velho pai de perguntas sobre os contos relatados.

-Pai é verdade que se pescar na Semana Santa a gente só pega ossada?

O pai sempre lhe confirmava.

-Sim, meu filho, Deus castiga quem o desobedece.

Durante muito tempo Joaquim ficou com essa teoria na cabeça.

Mariazinha, uma moça muito sonhadora, vivia se imaginando como atriz de tv, sempre obediente aos pais nunca faltava à missa na capelinha da comunidade. Já Manoel depois que ficou adolescente não gostava mais de acompanhar os pais.

Com a chegada de um professor na escola da vila que vinha da cidade grande, Manoel muito curioso em saber se os fatos relatado pelo velho pai eram verdade pensou consigo mesmo: vou perguntar ao novo professor se realmente faz mal pescar na Semana Santa!

Um belo dia na cantina da escola Manoel se viu a sós com o professor e não perdeu tempo e perguntou.

-Professor, meu pai me fala que é um grande pecado pescar na Semana Santa, o que o senhor me fala sobre isso?

O professor abriu um belo sorriso e disse.

-Meu filho isso é tudo crença, não existe nada disso. Essas pessoas antigas gostam muito de fantasias.

Manoel foi pra casa muito confuso e inquieto, Mariazinha vendo a inquietação do irmão se pôs a indagar o que estava acontecendo com ele. Manoel no primeiro momento relutou a falar, mas por insistência da irmã pôs-se a falar.

-Mana o meu professor falou que não faz mal nenhum pescar na Semana Santa, é fantasia do nosso pai.

Mariazinha ficou pensativa por alguns minutos e disse:

-Será mano que é mentira? O pai fala com tanta certeza.

Os dois irmãos ficam inquietos a debater por que

será que seu pai tinha lhes faltado com a verdade, então chegam a um acordo que iriam perguntar a sua mãe, contudo, sua mãe confirmou tudo o que seu velho pai tinha relatado nesses longo período de vida. Mas isso não foi o suficiente para os dois, agora mais curioso pela verdade dos fatos.

O tempo passava e aquilo os incomodavam mais, pois o período da Semana Santa estava se aproximando e os dois não se aguentavam mais de curiosidade. Nesse momento Manoel teve uma brilhante ideia, chamou Mariazinha e disse :

– Mana, só tem um jeito de a gente descobrir se é verdade ou mentira tudo isso!

Mariazinha com a fisionomia de curiosidade perguntou “como?” Manoel respondeu:

- Vamos pescar na Semana Santa!

Mariazinha ficou assustada com a proposta do irmão e retrucou:

– Não mano, não podemos fazer isso! E se for verdade? Eu não tenho coragem não mano. Mas Manoel insistiu na sua ideia dizendo:

– Só existe esse jeito de saber a verdade.

De tanto insistir Mariazinha aceitou a proposta de seu irmão. Passavam-se os dias e os dois irmãos não viam a hora de matar suas curiosidade.

De tanto esperar chegou o grande dia, era Sexta-Feira Santa, o dia sagrado para aquela família. Seu Joaquim e sua esposa ainda dormiam quando seus dois filhos saíram para pescar. Pegaram os seus caniços e sua canoa e se embrenharam no rio. Chegando lá no igarapé de nome Menbeca puseram-se a pescar e para sua alegria pegavam peixes como nunca tinham pegado antes.

Manoel disse:

– Era tudo história de papai.

Nesse momento passou uma rasga mortalha e urgiu seu canto estropento “huiuuuu”. . . . Ouvindo aquele canto os dois irmãos pareciam sair de seus corpos. Sentiram um arrepio que jamais haviam sentindo e quando olham pra dentro da canoa os peixes que tinham pescado haviam se transformado em ossos humano. Tentaram gritar, mas suas vozes não saiam, sem saber o que fazer puxaram o caniço de dentro da água e nele tinha mais ossos. Os irmãos se puseram a chorar e se arrepender por não ter acreditado em seu velho pai.

Seu Joaquim ao se levantar deu falta de seus filhos e logo procurou dona Raimunda sua esposa e lhe relatou os fatos. Dona Raimunda na hora se lembrou da curiosidade de seus filhos e contou ao seu esposo que desesperado pegou a sua outra canoa e saiu atrás de seus filhos. Já pelas tantas horas encontrou os dois desmaiados dentro da canoa, seu Joaquim muito preocupado, mas aliviado por ter encontrado seus filhos os trouxe para sua casa sãos e salvos.

Cobra Grande

Kátia Alves Dangelo

No interior do município de Manacapuru havia histórias contadas por ribeirinhos sobre a existência de uma Cobra Grande que há muitos anos vem aterrorizando os ribeirinhos dessa região. Para muitos a existência desta obra faz com que a população se sinta ameaçada e muitos deles acabam se mudando do local onde ocorre esse fato.

Alguns ribeirinhos relatam as características deste animal peçonhento e tão temido por muitos: ela mede em torno de 10 metros, olhos grandes e brilhantes como a lua cheia, habita no fundo do rio e costuma aparecer à meia noite para atacar os ribeirinhos que saem para pescar nesta hora. Muitos pescadores relatam que quando ela boia no meio rio, as águas se agitam provocando a pororoca e assim fazendo com que a canoa seja jogada contra os ribeirões e as margens dos barrancos, isso faz com que muitas vezes o pescador perca a vida.

A população local temia pela vida de seus filhos que muitas vezes precisavam se deslocar de uma ilha para outra para ajudar na lavoura. Os pais temiam que os filhos fossem uma presa fácil por serem despercebidos do perigo em que se colocavam na travessia de uma ilha para outra, já que no meio deste trajeto a Cobra Grande fazia moradia e via essas pessoas como um alvo fácil. Essa população buscava ajuda das autoridades, mas muitos não acreditavam por acharem que era uma história sem valor ou inventada por eles, e assim eles continuavam colocando suas vidas em risco por não receberem a atenção devida.

A população chegou a conclusão que só iriam ter a devida atenção para o fato quando conseguissem provar a existência deste animal nas redondezas daquele rio. Foi então que o presidente de comunidade resolveu se sentar com os demais para elaborar um plano para pegar a Cobra Grande e levar as autoridades e assim provar sua existência. Naquele mesmo dia eles fizeram um plano de como providenciar uma armadilha para aquele animal, montaram armadilhas feitas de redes grandes de pesca para serem lançadas no momento que a víbora se deslocasse de um lado a outro da ilha em busca de mais uma presa fácil, só que ela seria a presa neste momento.

As horas passaram e era chegado o momento do alvo ser mirado e assim pego para ser a prova viva da real situação daquele povo ribeirinho; à noite estava preste a dar a resposta de tantas dúvidas para muitos sobre a real existência deste animal. E lá vinha ela preste fazer a sua próxima vítima, um ribeirinho fazia a travessia e quando ela o percebeu se agitou em busca de seu alvo, mas acabou sendo o alvo maior e sendo pega pela armadilha a sua espera, assim todos que ali estavam puderam provar para muitos que a mesma não mais era uma lenda e sim uma realidade para ser mostrada para todos que um dia duvidaram de sua existência.

Agora a Cobra Grande de tão temida se tornou apenas um troféu para ser lembrado por todos que um dia sofreram devido seus ataques.

Estranha fumaça

Cindy Bervely Sena Rodrigues

Alice, uma típica jovem amazonense que acabara de se mudar após perder o pai em um trágico naufrágio estava a observar e encantar-se com a beleza do rio Miriti. Todos os dias ao amanhecer, ela corria, sentavam-se às margens do rio e ficava a pensar. Por muitas vezes as lágrimas rolavam de seu rosto ao lembrar da infância e a falta que seu pai fazia.

Certo dia ao levantar-se, Alice não pode acreditar, não conseguia enxergar nada a sua frente. Onde estava o rio? As árvores? Os pássaros? Uma fumaça estranha escondia toda a beleza daquele lugar, não conseguiu passar muito tempo ali e começou a sufocar-se com tanta fumaça, voltou para casa e pôs-se a pensar.

De onde vem tanta fumaça? Quem poderia estar fazendo isso? Por que estriam fazendo isso? Ela não se conformava, pois nada poderia destruir aquela paisagem, as lembranças, a vida. Prometeu para si mesma que iria encontrar o responsável e ia voltar a sorrir todos os dias.

Ao entardecer, saiu em meio a fumaça. Buscando encontrar respostas, andou por muito tempo na floresta e de repente começou ouvir um som muito alto, como um grito forte. Ela sentou-se próximo a uma árvore e ficou quieta até se sentir segura para continuar.

Já era noite e a única luz que tinha era de uma pequena lanterna em sua mão. Tudo silenciou e então levantou-se e continuou a caminhar a procura de um lugar para passar a noite. Ouviu passos fortes e menos distantes. Começou a caminhar mais rápido e os passos apressaram também, algo estava estranho. Andou mais

rápido, mais rápido, mais rápido, até que o medo tomou conta dela e pôs-se a correr o mais rápido que podia. Correu, correu, correu e quando já não aguentava mais sentiu quando algo muito forte a puxou e a escondeu em meio a braços fortes, ao abrir os olhos viu um animal enorme, peludo, com uma boca gigante e apenas um olho e então desmaiou.

Abrindo os olhos percebeu que estava de manhã, mas não encontrou ninguém. Em seu braço as marcas vermelhas de quem a puxou, porém não sabia o que a tinha salvado, lembrava apenas do olho quente como fogo e dos braços fortes. Um pouco mais a frente Alice deparou-se com o que disse ser a pior cena a ser vista: parte da floresta estava destruída, homens trabalhando, árvores cortadas, queimada, animais capturados, grande desolação. Esperou anoitecer, quando os homens adormeceram, ela lentamente entrou no acampamento deles e começou a destruir todo o trabalho realizado por eles, contudo, quando estava soltando os animais prontos para serem comercializados, ouviu o som de carros e o barulho dos homens acordando e teve que se esconder atrás de uma grande árvore e esperou que eles fossem embora. Eles pegaram algumas gaiolas e colocaram nos carros, atearam fogo em alguns pontos e se foram.

Mais rápido possível Alice correu a um igarapé próximo e buscou água, fez o percurso tantas vezes que seu corpo não aguentava mais, porém o fogo espalhava-se muito depressa e ela não era tão ágil. Em meio a tanto desespero ela gritava, pedia ajuda, mas não era ouvida. O calor a fadigava, o fogo já estava em quase toda floresta, então percebeu que não estava só, tinha alguém que também estava buscando água. Contudo, percebeu que não podia conter o fogo, cansada desmaiou com tanta fumaça. Sentiu que estava sendo carregada para fora da queimada, seus olhos fechavam lentamente e a única

imagem que via era as chamas consumindo as árvores, quando de repente na última tentativa de respirar viu aquele olho quente que a salvara da primeira vez. A misteriosa pessoa deixou-a no chão e voltou à tentativa de acabar com fogo.

Seria um ser imaginário? Seria real? Quem era não importava mais, nos seus últimos suspiros ela pode ver que existia alguém lutando para manter a floresta viva, suas últimas palavras foram:

- Pensei que morreria por um monstro da floresta, mas quem tirou minha vida foram monstros da cidade.

Flor de Manacá

Janaina Maria Gonçalves

Rodrigo viajava em um barco no interior do Amazonas. Acostumara-se a rotina de estar cercado por árvores que pareciam verdadeiros gigantes com folhas, de tonalidades que variavam de um verde-escuro até verdes bem clarinhos; eram tantas as variedades de verde visualizadas nessa mata que ele já pensara que algumas cores, talvez, nem fossem catalogadas. Admirador profundo da flora e fauna amazônica, ele economizara vários anos só para poder conhecê-la de perto, como era formado em Botânica, pensara em recolher por meio de suas observações material para seu livro sobre a Amazônia.

Já havia registrado dados muito interessantes. Havia presenciado o encontro das águas, em Santarém, e ficara impressionado com a dignidade com que os rios Tapajós e Amazonas harmonizavam seus espaços. Tapajós de águas calmas e esverdeadas reconhecendo que ali acabava seu reino passava a coroa ao rio Amazonas, mais impetuoso, brávio de águas amareladas e profundas. Um exemplo, pensava Rodrigo, para povos que por séculos lutavam entre si por não conseguirem conviver com a diferença do outro.

Impressionara com as embarcações que sangravam os rios. Como estrelas solitárias cruzavam as águas profundas Amazonas. Uma infinidade de redes coloriam os navios com suas cores, histórias e vida. “Dentro dessas embarcações, as classes sociais se misturam”- pensava. Não há pobre nem rico, o espaço é comunitário. Uma única distinção se faz: quem tem de quem não tem rede

com varanda bonita, àquelas feita de crochês ou bordadas pelas mãos caprichosas das ribeirinhas.

Conhecera os peixes da região. Admirara-se com a diversidade encontrada. Aprendera a distinguir as diferentes espécies e descobrira o porquê do amazonense gostar tanto de tambaqui, era realmente uma carne saborosa: tenra e suave. Qualidades do povo que aqui habita: um povo que mantém seus costumes, tradições e que acolhe com muita gentileza os estranhos que aqui abeiram.

Surpreendera-se com as histórias contadas sobre a cobra grande. A cobra que assombrava os pescadores. Contaram-lhe que de uma feita uma cobra com mais de 15 metros virara uma embarcação; outra comera uma índia que passeava na margem do rio; sem falar das histórias que contavam sobre a hipnose que a cobra submetia suas vítimas, atraindo-as de longe só com seu olhar. Contudo, o animal representava a força da criação, os pescadores atribuíam a esse animal poderes místicos. Diziam que ela era a protetora da mata, a guardiã das águas. Desafiá-la era ir contra a natureza e matá-la desequilibraria toda vida na floresta. De tanto ouvir essas histórias terríveis e misteriosas, Rodrigo aprendera a temer o medonho bicho, contudo sentia, assim como os pescadores, sentimentos confusos, mistura de curiosidade, de medo e de respeito por esse animal tão enigmático.

Longe avistou a cidade de Manacapuru, última cidade que visitaria. Já havia recolhido bastante material para seu livro, já havia conversado bastante com os pescadores e moradores da localidade e tinha registrado informações sobre a fauna e a flora local. Já estava partindo rumo à Manaus, de lá partiria direto para o Rio de Janeiro. Os patrocinadores de seu livro estavam o pressionando, pois era de interesse da universidade que

informações atuais fossem divulgadas, principalmente de um pesquisador tão renomado quanto Rodrigo. Suas pesquisas eram irrefutáveis. Rodrigo estava muito animado. Nisso, ele observa em uma canoa, bastante próxima do seu barco, uma moça muito bonita. Morena, cabelos tão lisos que brilhavam ao sol. A moça possuía uma beleza ímpar e seus olhos muito negros fixaram em Rodrigo com uma força avassaladora. Rodrigo fica hipnotizado por aquele olhar. Estonteado pela formosura da bela mulher que estava em sua frente ele não conseguia desviar os olhos. Dirigiu-se à saída do barco na tentativa de conseguir falar com a estranha. Queria conhecê-la saber seu nome, quem era o que fazia. Uma necessidade urgente, incontrolável tomou conta de seu íntimo. Precisava conhecer essa mulher que conseguira impressioná-lo de forma tão intensa, porém a canoa passa pelo barco e desaparece na imensidão das águas. Rodrigo olha desesperado para os lados, precisava alcançá-la.

A imagem da bela estranha, assim como os sentimentos que ela lhe provocara perturba seus sentidos. A moça entra em seus pensamentos, ele a vê em cada mulher que avista. Ainda consegue sentir a força do seu olhar, que parecia chamá-lo em um convite irresistível. Quem seria, e como seria sua vida junto a ela? Eram inquietações que não saíam de sua cabeça.

O Tempo passou e esse episódio ficou na memória dos moradores de Manacapuru. Alguns pescadores afirmam que a misteriosa mulher que Rodrigo vira era encantada, de dia era vista rondando a cidade e de noite se transformava na Cobra Grande. Quando cobra, afastava os pescadores de suas águas, quando mulher seduzia os homens que a seguiam até se perderem no grande rio Amazonas. Quanto ao Rodrigo, alguns pescadores dizem

vê-lo à noite acompanhando uma bela moça; outros, dizem que lançara um livro, no Rio de Janeiro, sobre um amor vivido por um pesquisador e uma moça misteriosa nas águas da Amazônia.

Florinís

Débora Gordiano Simões

Havia nas margens do Rio Solimões no interior de Manacapuru uma caboclinha chamada Florinís. A menina era filha da cabocla Daionê, viviam da agricultura, faziam farinha para consumo próprio; pescavam os peixes para alimentação de toda a família. Aos oito anos sua vida era só brincadeira, subia em árvores de mangueira, goiabeira. Ela adorava correr pelos caminhos do sítio, fazia de cavalos as capebas que caíam das árvores; colhia flores do jambeiro; apanhava melancias rosadas do roçado.

Pelas tardes fagueiras brincava com as outras crianças de sua idade de laranja-lima, ciranda-cirandinha, pata cega e depois de toda brincadeira ia para o rio tomar banho, deslizava do barranco até cair dentro da água. Quando chegava do rio ouvia-se a voz brava de dona Daionê:

-Menina que roupa é essa toda suja, cheia de lama!

Florinís sempre foi linda e admirada por todos, grandes e pequenos. Tinha a pele morena cor de jambo, cabelos pretos, lábios rosados, faceira, conversadeira.

Passaram-se os anos e a linda menina se transformou numa linda jovem cobiçada por todos os homens da região, fossem jovens ou mais velhos, mas nenhum lhe chamava atenção. Seu corpo havia crescido, mas seu coração ainda era de menina doce e meiga, que não ligava para relacionamentos amorosos.

Certa feita chegou à região um jovem chamado

Cauê. Era de boa aparência, de porte elegante, neto do chefe da comunidade.

Todas as moçoilas ficaram encantadas com o rapaz. Como era conquistador passou a namorar algumas delas, mas nenhuma o deixou enamorado.

Num domingo, dia de missa, na comunidade, foi Florinís para Igreja sentou-se na parte dos bancos da primeira fila. A missa correu bem, todos estavam agradecidos por aquela manhã. Na saída da igreja a doce donzela bateu os olhos de encontro aos do neto do chefe da comunidade, o seu Runivan, homem ranzinza e autoritário. Os olhares se completaram, foi mútuo o interesse dos dois. Ele nunca tinha se interessado por alguém de verdade, quanto a ela, o amor nunca lhe havia batido na porta do coração.

Outros domingos e missas aconteceram e de apenas olhares passaram a ter encontros escondidos. De conversadeira passou a ser suspiradora e sonhadora pelos cantos da casa. Mas algo lhe tiraria o seu sorriso, o avô do rapaz descobrira o relacionamento dos dois e imediatamente o proibiu de encontrar a moça. Fez ameaças de mandá-lo para Manaus, onde fez faculdade, e de lá que não voltasse mais. Segundo o avô, como era um moço estudado deveria casar com uma moça da cidade, estudada e de família com posses. Seu Runivan era arrogante e não gostava de Florinís por ela ser uma cabocla de família pobre.

Florinís passou a se trancar no quarto; chorava noite e dia sem consolo, sua mãe fazia de tudo para fazê-la comer e beber, mas nada adiantava.

Sua mãe muito preocupada foi falar com o moço, escondido do velho ranzinza. Chegou e contou-lhe a situação de sua filha. Cauê ficou inconformado com a

situação, mas era vigiado pelos capatazes de seu avô. Passou ainda uma semana com aquela agonia, mas para sorte dos dois, seu Runivan passou mal e teve que viajar para cuidar da saúde.

Ficou ordenado aos capatazes que vigiassem o neto para que não se encontrasse com sua amada.

Cauê fez de tudo para despistar os capatazes e conseguiu fugir. Quando chegou na casa de Florínis gritou:

_ Florínis eu tô aqui, por favor, sai desse quarto eu preciso te ver, eu te amo!

Mesmo debilitada pelos dias de fome saiu e quando viu seu amado abraçou-o com tanto amor como se a vitalidade que lá tanto precisava estivesse nele. Ele com todo zelo do mundo a fez comer e beber. Nos dias da ausência de seu avô fazia de tudo para fugir e vê-la.

Passados os dias o velho voltou e os capatazes contaram das fugas do rapaz que eles perceberam; sendo que a maioria delas eram noturnas e rápidas.

Drasticamente seu Runivan tomou uma decisão que iria mudar o destino de Florínis e Cauê. Decidiu obrigar o neto ir embora para São Paulo sem volta para o interior. O neto resistiu à decisão de seu avô, mas ele o ameaçou, se ele não fosse embora e se casasse com uma moça da cidade grande, seria capaz de mandar matar a Florínis. Temendo o pior foi embora sem ver o rosto de sua amada pelo menos pela uma última vez.

A bela moça soube da notícia da ida de seu amado e que nunca mais iria vê-lo. Caiu num pranto tão desesperador, sentiu uma dor que nunca tinha sentido antes na vida, a dor do amor, do verdadeiro amor.

Florínis não suportou aquilo dentro do seu peito e

entrou em sua casa, que estava vazia. Sua mãe não estava, estava no roçado com o resto dos familiares.

Desesperada, pegou uma faca e cravou no peito e morreu ali no meio da cozinha sem que ninguém pudesse fazer nada para salvá-la.

História de amor na tribo Mura

Adriano Pereira da Silva Martins

Os Muras eram um povo pacífico que habitavam ao longo do rio Solimões nas partes altas da beiragem do rio. Do alto podiam ver o rio ao longo no horizonte.

Foi neste cenário que viviam o casal Tucunaré e Pirarucu. Tucunaré se destacava por ser uma linda índia mura. Aprendeu sobre as plantas e a cuidar de animais pequenos. Pirarucu era valente e descendente direto da antiga linhagem dos chefes da tribo Mura. Ele caçava e pescava. Era ágil com a flecha e respeitado entre seu povo. Ao completar vinte e cinco anos Pirarucu pediu Tucunaré em casamento. Toda a tribo recebeu com alegria a notícia e foi preparada uma cerimônia de casamento.

Longe dali viviam os habitantes da tribo Tupinambarana. Tal tribo fica distante sete dias da aldeia Mura ao longo do rio Solimões. Eram conhecidos por habitarem em ocas suspensas nas árvores e sempre lutavam bravamente por suas terras, lugar onde plantavam e colhiam. Ali vivia Tacacá. Ele era o melhor guerreiro da tribo e ficou conhecido por vencer o grande jacaré branco. Animal que assustara os moradores daquela região e responsável pelo desaparecimento de uma mancheia de queixada.

Um mês após a cerimônia de casamento do casal Tucunaré e Pirarucu ocorreu uma grande cheia no rio Solimões. Os rios transbordaram e inundaram plantações deixando todos os povos ao longo do rio com pouco mantimento para suprir sua população, com exceção dos Muras que viviam em terra plana acima do rio Solimões. Tal cheia ocorreu como nunca antes.

Os Tupinambaranas logo se viram necessitados de mantimentos. A população era grande e havia crianças e idosos que não podiam esperar por semanas para crise terminar. Eles foram obrigados a procurar auxílio da tribo Mura.

Devido a longa e cansativa jornada de sete dias ao longo do rio os anciãos da tribo não tinham vitalidade e escolheram o jovem Tacacá como embaixador da tribo com um grupo de sete índios. Esse foi um grande erro. Apesar de grande guerreiro ele não tinha a sabedoria e paciência dos anciãos. Uma comitiva foi formada para percorrer todo percurso em canoas ao encontro dos índios mura.

Após sete dias de viagem ao longo do rio todos estavam exaustos e o líder do grupo foi o primeiro a avistar a aldeia. Ainda estava longe quando se encantou por uma bela jovem que cuidava de uma cutia ferida na pata na beira do rio. A cutia machucou-se após cair de um pé de acerola. A bela jovem era Tucunaré. Tacacá ficou encantado.

Os líderes Muras receberam a comitiva e os acolheram calorosamente demonstrando respeito pelo povo tupinambarana. Foi marcada uma reunião do Conselho. Esse Conselho era sempre convocado quando algo muito importante exigia a presença dos chefes de família e os chefes da tribo. Ela ocorria na oca principal, um lugar grande e coberto de palha. Naquela tarde, enquanto o Conselho ouvia as palavras do jovem Tacacá, choveu torrencialmente. Em seu discurso representando o povo Tupinambarana ele clamou por ajuda.

- Nosso povo precisa de mantimentos. As famílias foram afetadas grandemente na cheia! Que vocês podem fazer para amenizar nosso sofrimento? – disse Tacacá em voz alta.

Nesse momento uma grande árvore cai e destrói parte da oca principal. As pessoas ficam horrorizadas e começam a gritar. O pânico se instala. O vento era impetuoso e arrancou várias árvores. Os índios perceberam que começara a inundar lentamente parte de suas terras. Poderia a cheia ter alcançado o povo no alto da planície?

Sem saber o que fazer, pois esta era a primeira vez que isso acontecia, as famílias começaram a reparar os estragos que a chuva estava causando. Os muras estavam desorientados, pois a chuva não parava de cair. O céu estava todo nublado durante as horas de chuva e então começou a parar de chover. Quando o sol voltou a brilhar no céu os índios puderam ver melhor a destruição causada pela chuva. Árvores arrancadas com suas raízes caíram sobre ocas. Animais fugiram para dentro da mata.

Em meio a tudo isso se ouviu um grito de desespero vindo da beira do rio. A jovem Tucunaré, agora esposa de Pirarucu, havia desaparecido. Segundo alguns relataram ela foi levada pelo rio agarrada a um tronco de árvore tentando sobreviver.

Pirarucu estava na reunião do Conselho e, por isso, não percebeu a ausência de sua amada. Para ele, ela estava segura em casa. Mas ao tentar ajudar um pequeno animal ela havia permanecido próximo ao rio. Ao saber da notícia ele logo procurou se jogar no rio, contudo foi impedido pelos seus colegas. “O rio está revoltoso demais! Não pule neste rio!”, foram as palavras de seus companheiros.

Seu esposo era um exímio nadador, mas era muito arriscado se jogar no rio revoltoso. Seus amigos rapidamente pegaram três canoas e foram vasculhar toda a região a procura de Tucunaré. As lágrimas nos olhos de Pirarucu eram evidentes. Ele temia encontrar sua amada

sem vida.

Após vinte minutos ao longo do rio um dos barcos ouviu o grito de uma pessoa pedindo ajuda. Ao se aproximarem viram a jovem Tucunaré agarrada a um tronco de árvore que boiava próximo a beira. Ela estava em perigo. Uma enorme jiboia se aproximava lentamente do tronco.

As jiboias são as maiores cobras do rio. Elas abraçam suas vítimas com um forte aperto antes de engoli-las. Ninguém se arriscava ficar em seu caminho.

Era uma corrida contra o tempo. Eles apressaram o remo da canoa, mas ainda estavam distantes. Foi então que perceberam que havia mais um barco remando em direção ao perigo. O barco era mais rápido e se aproximou primeiro da moça. Neste barco estava Tacacá que saiu após Pirarucu para ajudá-los na empreitada. Por ser guerreiro, possuía mais experiência em lutar na água contra animais perigosos, assim como fizera ao vencer o grande jacaré branco.

Tacacá, ao se aproximar da índia, lançou-se em direção ao tronco. Seus amigos lançaram flechas em direção ao enorme animal. Neste momento, Tacacá tira Tucunaré, que chorava muito, do rio para dentro da mata. Mas o animal não desiste e sobe no mato entre as folhagens em direção ao casal. Na fuga os dois caem ao chão e a cobra se aproxima para dar o bote. O clima fica ameaçador.

Eles não percebem a chegada de Pirarucu que se joga na frente da cobra. A luta entre os dois começa. A grande cobra agarra o corpo de Pirarucu. Ele demonstra muita força e resiste ao abraço do perigoso animal. Foi então que a cobra puxa o rapaz para água. Ele resiste até onde pode. Mas na água ela é mais rápida.

Os amigos nada puderam fazer. Ele jamais foi encontrado. A cobra desapareceu.

De volta a tribo houve grande lamento pela perda do herói. Os líderes Mura agradeceram a agilidade e destreza de Tacacá por ter salvado Tucunaré, mas cada canto da aldeia estava triste pela vida que foi ceifada.

Tacacá voltou para sua tribo com os mantimentos que necessitavam. Eles foram doados como forma de agradecimento pela sua bravura.

Um mês de passou. As águas baixaram. A índia Tucunaré faz um anúncio a todos da aldeia. Ela está grávida. Em seu coração a felicidade poderia preencher novamente o vazio que a morte trouxera. De Pirarucu e Tucunaré nasceu um menino que foi chamado de Tucupi, em homenagem ao casal.

Essa foi a história de amor ocorrida na tribo Mura de um casal que foi separado pela cheia do Solimões. Conta-se até hoje que as lágrimas dos apaixonados, impedidos de viver o seu amor, correm sobre os barrancos e formam as duas cabeceiras do rio Manacapuru.

Lourenço

Derlane Picanço Ferreira

Existia em Manacapuru um homem chamado Sr. Lourenço, mais conhecido como, seu loro, mendigo. Era um homem que morava na rua, pois a família já o havia abandonado devido seu vício em álcool. Andava pelas ruas do centro, descalço, somente com uma bermuda velha devido ao tempo de uso e sujo. Pedia esmolas e quando não conseguia, roubava pra sustentar seu vício e se alimentar.

Certo dia, seu Loro, cansado, com fome e sede, deitou no banco da Praça 16 de Julho, onde costumava se encontrar com os amigos, também mendigos. Sozinho estava ele a pensar, quando de repente pegou no sono. Sonhou que estava numa fazenda, onde havia várias cabeças de bois, carneiros, bodes, galinhas, porcos e outros...também havia a área das árvores frutíferas, todas em época.

Quando seu Loro se deparou com toda aquela fartura e riqueza, se alegrou muito e exclamou em alta voz: “tudo isso é meu”!

Aproximou-se um empregado e disse:

-Sim senhor, vim lhe informar que o almoço esta pronto e sua família lhe aguarda pra se assentar a mesa.

Em sua mente imaginou: será que isso é verdade mesmo! Vou lá pra ver no que vai dar!

Ao chegar a sala de jantar onde todos estavam reunidos, olhou e viu todos os seus familiares, cheios de alegria por vê-lo, mas quando sentou para almoçar, notou

que não havia prato e talheres para ele. Com receio não perguntou, aguardou que alguém o trouxesse.

Em seguida todos começaram se servir e dando graças comeram tudo o que estava à mesa. Ele, porém, não tocou em nada, e ninguém o serviu, assim como ninguém o notou depois que sentara a mesa. Na mesma hora, o empregado apareceu e disse: seu Loro! Seu almoço esta pronto!

Sem indagar, se levantou e foi ate onde o empregado lhe levaria, chegando lá, havia um guisado muito saboroso. Imediatamente, pegou o prato, pois há dias que não se alimentava se serviu e quando sentou em um banco para dar a primeira bocado. Seu amigo Mundico lhe chamou.

Ele muito bravo, não acreditava que aquilo era só um sonho.

- Mundico, porque me chamou! Gritou em alta voz.

- Agora que eu ia comer!

Então sua vida voltou ao normal. Vício, fome, desprezo, sofrimento.

Manacapuru (Flor Matizada)

Nabi Mesquita Martins

Certo dia, um índio da tribo Tupi-Guarani, saiu pelas matas virgens do Amazonas, à procura de caça para alimentar sua família. Saiu muito cedo, ainda era madrugada em sua oca, e agora já era muito tarde. Porém não havia matado caça alguma. Já ouvia um estrondoso barulho de sua barriga a roncar de fome.

Andando com as pernas bambas de fome, avista em meio as folhagem da floresta, uma flor brilhante e radiante, ao mesmo tempo parecia-lhe comestível. A fome era tanta que não pensou duas vezes e engoliu aquela flor. Logo em seguida sentiu o seu corpo estranho, percebeu que a fome passara.

Chegando na sua tribo, contou o ocorrido, e até aquele momento o índio não sentia fome.

No dia seguinte, saíram todos os índios a procura de mais daquela flor.

Depois de muito procurar encontraram à beira de um rio um local repleto da mesma qualidade da flor. Chegaram à conclusão de mudarem a tribo para aquele local.

Com o tempo, passaram a só se alimentar daquela planta, com isso não havia mais fome, pois a flor era mágica saciava a fome.

Sem preservar, nem fazer o replantio, pois a flor não dava semente, notaram que estavam acabando as flores daquele local. Quando não restou, mas nem um só pé de flor, ao mesmo tempo toda a tribo sentiu uma fome

insuportável, pois a planta somente maquiava fome. Na verdade todos estavam desnutridos.

Não deu tempo para nenhum índio ir a caça e morreram todos de fome. A lenda conta que esse local ficou conhecido como Manacapuru, que em tupi-guarani significa Flor Matizada.

Mulher porca

Adriana Silva de Almeida

Há muitos anos, no município de Manacapuru, no bairro do Mutirão - como era conhecido antigamente - vivia uma humilde mulher que morava numa casinha de madeira que ficava bem no fundo do quintal.

Ela era pouca conhecida no bairro, ninguém a via pelas ruas e nem imaginava que aquela pobre mulher era tão assustadora.

Uma vez no mês acontecia a tortura que os moradores viviam. À meia noite, enquanto todos estavam dormindo, as luzes começavam apagar e o bairro ficava numa escuridão, uma mulher saía de casa, corria para lado e outro, gritava muito alto, e todos acordavam assustados, escondiam-se com medo, mas, não tinha coragem de sair para ver o que estava acontecendo do lado de fora.

Alguns minutos depois, a voz se calava e começava um gemido como de um animal. Aos poucos percebiam que esse ser misterioso se transformava em uma porca. Os moradores ficavam atormentados, espiavam das janelas para ver, mas, eles só avistavam vultos. De lado e outro o bicho corria rapidamente fazendo seus estragos pelas ruas do Mutirão.

Ao clarear da madrugada a mulher acalmava-se, e o medo dos moradores acabava. Ao ver as ruas calmas eles saíam de suas casas e se deparavam com os estragos, o lixo espalhado pelas ruas, as plantas machucadas, e suas cercas quebradas. O bicho da madrugada trazia um grande prejuízo aos moradores.

Durante três anos os moradores viveram este tormento e ficaram cansados de passar a mesma coisa todos os meses. Resolveram então enfrentar o medo, e acabar de uma vez com o bicho que causava medo na madrugada.

A qualquer momento aguardavam o acontecimento, todos estavam preparados. Dois dias depois, no mesmo horário à meia noite, as luzes apagaram-se, a gritaria da mulher começou; os moradores se prepararam para a caçada do bicho de madrugada.

Ela começou a se transformar, e fazer seus estragos. Devagar caçadores saíam de suas casas sem assustá-la. Um deles preparou-se para puxar o gatilho, mirou e acertou na cabeça da porca.

Desesperada ela saiu correndo, avançando em cima dos moradores e com medo eles entraram para suas casas, felizes e curiosos à espera do dia clarear para ver o que tinha acontecido em sua caçada.

Ao amanhecer foram ver o que aconteceu, viram os estragos que sempre era feito, mas, infelizmente não viram o bicho. Horas depois receberam a notícia que aquela mulher estranha que morava no fundo do quintal havia morrido com um tiro na cabeça.

Então, logo depois da notícia, os moradores não tinham dúvida de que a mulher estranha, que não era vista nas ruas, era o tal bicho que na madrugada os atormentavam.

O amor de Manacá e Puru

Ellen Cristina Souza de Oliveira

Num pequeno vilarejo, vivia um casal que há pouco tempo tinha acabado de casar, o sonho deles era ter uma criança, mas com o passar do tempo essa criança não chegava. Já estavam ficando tristes e sem esperança. Um dia resolveram ir até outro vilarejo perto dali, pois diziam que naquela região morava uma senhora que fazia poção para mulher engravidar. Quando chegaram à casa da senhora, o casal começou a contar que não conseguiam ter uma criança, e que há muito tempo tentavam e nada. A senhora deu um poção e disse:

- Vocês dois devem tomar essa poção juntos, numa noite bonita e estrelada.

Quando chegaram em casa, olhando para o lindo céu o casal tomou a poção. Algum tempo depois a mulher disse:

- Marido estou grávida!

O marido ficou muito feliz e disse:

- Deu certo, vamos ter um bebê!

Então logo se passaram os nove meses, e a mulher deu a luz a uma menina. O casal deu o nome de “Manacá” a criança. Com o passar dos anos “Manacá” foi crescendo e se tornando uma bela moça, dos olhos azuis e cabelos negros. Ela era o orgulho deles. Seus pais, perceberam que sua filha já não era mais uma criança, e que estava se tornando uma linda mulher.

Todo os dias “Manacá” saía para se banhar num rio

bem distante de sua casa, ela gostava muito. Em uma dessas saídas para se banhar encontrou à beira do caminho um lindo rapaz, que a abordou e disse:

- Oi, como você se chama?

- Me chamo Manacá.

- E eu me chamo Puru, respondeu ele.

Puru perguntou:

- Você passa todos os dias por aqui?

- Sim! Respondeu Manacá

Ele disse:

-Esse é o meu trajeto todos os dias, mas nunca vi você passar por aqui.

Ela respondeu:

- Eu passo todos os dias aqui, porque gosto de ir ao rio para me banhar. - A conversa deles durou algum tempo, tanto que eles nem perceberam que já estava ficando tarde. A mãe de Manacá, já estava ficando preocupada com a filha, porque a filha estava demorando.

Manacá levou um susto e falou a Puru:

- Nossa está ficando muito tarde! A gente conversando aqui ... nem notei as horas e nem fui me banhar. Minha mãe deve estar preocupada.

Puru disse:

- É mesmo! Vamos então, te acompanho até a sua casa!

- Melhor não! Meus pais são um pouco bravos.

- Tá bom então. Mas amanhã podemos nos ver, no

mesmo caminho?

- Sim, podemos.

Quando Manacá chegou em casa, sua mãe estava aflita.

- Onde você estava Manacá?

- Mãe, fui me banhar.

- Mas porque demorou?

- Desculpas mãe, perdi a hora me banhando.

- Nunca mais faça isso, Manacá.

Manacá entrou em seu quarto e não parava de pensar em Puru. E Puru em sua casa também não parava de pensar em Manacá. No outro dia, Manacá, foi ao encontro de Puru, no meio do caminho. Quando Manacá chegou, Puru já estava lá.

- Manacá passei a noite pensando em você.

- Eu também Puru, passei a noite pensando em você. Mas nós dois sabemos que nos conhecemos ontem, por que estamos sentindo isso? Acho que estamos nos apaixonando. Mas estou com medo, porque meus pais, como disse a você, são bravos.

- Não se preocupa Manacá, eu posso conversar com seus pais, disse Puru.

- Agora não Puru. Deixa passar alguns dias e aí podemos falar com eles.

Os dias se passaram. Puru e Manacá ficaram mais apaixonados e Puru então resolveu ir até a casa de Manacá, Chegando lá, os pais de Manacá perguntaram:

- Quem é você rapaz?

- Eu me chamo Puru. Quero me casar com Manacá.

- De onde você conhece minha filha?

- Já faz algum tempo nos conhecemos, à beira de um caminho, onde Manacá ia se banhar.

- Manacá você gosta desse rapaz?

- Sim papai e mamãe! Responde Manacá.

Porém, os pais não aceitaram, pois não queriam ver Manacá com ninguém, era sua única filha e não queriam perdê-la. Manacá ficou triste e chorou muito. Puru não se conformava com a decisão dos pais de Manacá e mesmo sem a aprovação dos pais de Manacá eles continuaram vivendo seu amor, às escondidas.

Foi ficando impossível eles se encontrarem. Então eles resolveram fugir juntos. Marcaram no mesmo caminho onde se encontravam todos os dias. Puru disse:

- Manacá meu amor, a noite vamos nos encontrar aqui no caminho, porque não aguento mais ficar sem você.

Manacá respondeu:

- Estarei aqui meu amor. Aconteça o que estiver que acontecer, estaremos juntos para sempre.

Quando chegou à noite, Manacá e Puru, fugiram e foram para um vilarejo bem distante dali. Depois de algum tempo juntos, nasceu desse grande amor, uma linda criança que eles chamaram de “Manacapuru”.

O contador de histórias

André Junior de Lima Figueiredo

Esta é a história de tio Chico. Conhecido por toda Princesinha do Solimões por ser o rezador da cidade. Todo mundo que ficasse enfermo por doenças conhecidas como quebranto, mal olhado, mãe do corpo, rasgadura, era levado logo para o tio Chico benzer. Mas o que mais fascinava em tio Chico era a sua capacidade de contar muitas histórias.

Homem simples e humilde não tinha medo de viver! Aos oitenta anos de idade vivia só em uma casa. Dizia ele:

- Antes só do que mal acompanhado!

Ele ria muito ao falar das suas aventuras, pois quando moço dizia ter sido bastante namorado. Mas não era das histórias de sua mocidade que o fazia tão surpreendente, mas das lendas que segundo ele aconteceram na própria Princesinha do Solimões.

Contava aquela história da moça do vestido vermelho. Dizia o velho Chico que um jovem ao passear por volta das dez da noite, em frente à praça da Matriz da cidade, avistou uma moça muita linda sentada no banco da praça. Como ela era muito formosa e seus cabelos e olhos castanhos claros deixaram o rapaz encantado com tamanha beleza. Ele todo faceiro foi ao encontro da bela do vestido vermelho e ao se aproximar dela se arrepiou, mas não ligou para isso, pois o que ele queria mesmo era conhecê-la. Chegando perto dela pediu com gentileza se poderia sentar-se ao seu lado e ela permitiu. Disse:

-Boa noite moça!

-Boa noite.

-Qual o seu nome?

-Meu nome é Rosa Maria. E o seu, moço?

-Chamo-me João. O que uma moça como você faz a essa por aqui sozinha? Você não tem medo?

E ela respondeu:

- Resolvi passear pra arejar a cabeça. Não conheço bem o lugar.

E ficaram ali conversando por um bom tempo. Mas quando chegou à meia noite ela perguntou ao rapaz:

- Que horas são?

E ele respondeu:

- Meia noite.

Ela respondeu:

- Poxa vida esta ficando tarde, devo ir embora.

O jovem cavalheiro perguntou se podia acompanhá-la até a sua casa, ela falou:

- Pode sim.

E foram! E pelo caminho combinaram de se encontrar novamente, mas pela metade do percurso a moça pediu ao jovem que parasse de lhe acompanhar, pois era moça de família e seu pai era muito severo. Se visse ela acompanhada de um rapaz lhe daria uma surra. Então ela seguiu sozinha e o rapaz ficou para trás.

Na manhã seguinte o rapaz que avistara a moça bonita ainda estava pensando nela. Foi quando ao passar por frente de uma casa viu uma foto que lhe chamou a atenção. Era ela. . . Rosa Maria na foto com o mesmo vestido vermelho que quando a conhecera. Então logo cuidou de chegar mais próximo da casa e batendo palmas

pra chamar atenção dos moradores foi percebido. Quando apareceu uma senhora e lhe perguntou:

- Diga rapaz?

- Bom dia senhora!

- Bom dia meu jovem!

- Meu nome é João. Desculpa eu perguntar, mas, aquela moça ali da foto é sua filha?

- Sim é minha filha! Por quê?

- E ela se encontra?

- Não!

- Que horas ela estará? Gostaria de revê-la.

- Como assim revê-la? Perguntou a senhora da casa.

- É que tive o prazer de conhecê-la ontem na praça da Matriz e ela esqueceu seu broche lá. Passando por aqui reconheci ela pela foto e aproveitei a chance de poder entregar a ela o seu pertence.

A mulher começou a chorar. . .

E o rapaz confuso perguntou:

-Por que a senhora esta chorando?

-Rosa Maria, minha filha querida, morreu meu rapaz, e ontem fez um ano.

João ficou assombrado e saiu correndo e nunca mais ficou até tarde passeando pelas ruas misteriosas da Princesinha do Solimões.

Por essas e outras tio Chico ficou conhecido como O CONTADOR DE HISTÓRIAS.

O conto de Yara

Ingrid Silva Lima

A cidade de Manacapuru é banhada por longos rios, até onde não pode se ver, abrigam seres considerados mágicos e histórias que são contadas por ribeirinhos que dizem que no rio vivem OVNI's, histórias de amor, de ardor e de sofrer. E aí, quem é que não gosta de uma boa história de pescador!?

Uma dessas histórias é sobre Yara uma jovem sereia que vivia no rio de Manacapuru. Nesse rio, além dela, viviam outros seres que idolatravam esta que era considerada a princesa das águas. Outros seres como o peixe-gato Tico-Tico, tão olhudo que ninguém sabia distinguir seus olhos, sua boca ou nariz. No rio também vivia o melhor amigo de Yara; o doce e gentil, Pitoco, que era um peixe piranha vegetariano; além do Joca um boto que não era nem cinza nem rosa, era verde. Joca era um dos mais famosos seres, porque ele queria ser um tubarão e além disso mas também brilhava no escuro.

O pai de Yara chamado Bartolomeu, um tritão, considerado o rei dessas águas era bruto e autoritário por fora, e doce por dentro. Porém, com sua linda filha tinha verdadeiro pulso firme, pois não queria que nada acontecesse com a jovem menina.

Certa vez Yara nadava nas margens do rio, perto da floresta virgem, quando avistou um caçador moreno, alto. Seus olhos eram tão verdes que se confundiam com a mata. A moça nunca havia visto tal ser, que para ela era um animal totalmente desconhecido, já que a garota nunca havia avistado um ser humano antes, apenas

ouvido falar em histórias contadas.

O jovem rapaz caçava naquela noite na mata, quando de repente viu Yara, um ser tão diferente de tudo o que ele já tinha visto. Um olhou para outro, não sabiam se corriam por tal espanto. Naquele momento o jovem rapaz gritou. Yara espantada não disse nada apenas ficou olhando. O rapaz se aproximou cada vez mais da água, num estalar de dedos, os jovens foram ao encontro dos olhos um do outro. Yara não nadou para o fundo apenas sorria para aquele moço.

O rapaz então perguntou qual era o nome daquela moça a qual ele achava linda. Ela respondeu com lindo sorriso, que se chamava Yara, disse também que era uma sereia que vivia naquelas águas. Yara perguntou qual era o seu nome e porque ele não estava com medo dela. Ele respondeu que era Pedro e não deveria ter medo de tal beleza que nunca havia visto antes. Os dois conversaram por horas, o dia já amanhecia e ela precisa voltar para casa porque seu pai a aguardava. Ele também tinha que ir embora. Os dois combinaram de se encontrar mais tarde daquele mesmo dia.

Logo à noite os jovens se encontraram novamente, e foi assim por dias. Passado alguns dias Pedro disse a Yara que estava apaixonado por ela, a moça respondeu que também estava, mas que seu pai nunca iria aceitar tal amor. Seria então um amor impossível. Yara disse a Pedro que falaria com seu pai. Dias se passaram Pedro voltou à beira do lago para ver sua amada, mas ela não apareceu. Pedro ficou inconsolável.

O rapaz estava esperando por Yara como fazia todos os dias, então apareceu Tico-Tico, Pitoco e o Joca. Eles disseram que eram amigos de Yara e que a moça precisava de sua ajuda, pois estava presa em casa por seu pai.

Imediatamente ele respondeu que iria salvar sua amada. Tico-Tico entrega um frasco para o rapaz e diz a ele que se tomá-lo, o jovem iria respirar debaixo d'água. Assim Pedro fez.

Chegando em um reino totalmente incomum em que Pedro nunca havia ido, ele encontrou Yara presa em uma torre. A jovem o avistou, e disse a ele que seu pai havia prendendo-a naquela torre, porque não aceitava o amor dos dois. Ele a soltou com uma chave que Pitoco havia feito. Os dois jovens fugiriam para viver esse amor. Mais um detalhe impedia-os: Yara era uma sereia não podia viver na terra.

Joca teve uma ideia: ele conhecia uma bruxa que poderia ajudá-los. Eles então seguiram Joca até essa bruxa. Chegando lá eles se depararam com uma coisa horrenda. A bruxa chamada Angélica. Angélica fedia, era feia e cheia de verrugas. Os jovens perguntaram se ela poderia ajudar Yara a andar na terra como uma humana comum. A bruxa disse que poderia fazer qualquer coisa, e faria o que eles quisessem e não cobraria nada.

A bruxa então deu uma porção à moça. Yara tomou. Repentinamente ela virou uma velha. Já a bruxa ficou nova, linda sem verrugas. Pedro ficou perplexo. Angélica acabou prendendo os dois em uma caverna, seu esconderijo e disse que deu uma porção da juventude reversa para a moça. Quem na verdade iria se beneficiar era ela e não Yara.

Tico-Tico, Pitoco e o Joca conseguiram fugir das garras da bruxa, foram então falar com o pai de Yara. Chegando lá contaram tudo o que havia acontecido, que os dois jovens estavam presos em uma caverna. O pai de Yara em prontidão juntou todos os guarda do reino e foi em busca de sua amada filha. Quando chegou à caverna

da bruxa, Bartolomeu travou uma verdadeira batalha. Muitos foram mortos pela malvada. A bruxa foi ferida gravemente pela lança dos deuses que Bartolomeu tinha. Em seus últimos suspiros Angélica diz que poderia até morrer, mas que voltaria do inferno para se vingar de todos aqueles que a mataram. A bruxa morreu. O casal foi solto pelo pai de Yara.

Voltando ao reino Bartolomeu disse aceitar que os jovens fiquem juntos e que formem uma família, mais que Yara nunca poderia morar na terra como uma humana, pois ela era sua única filha e jamais aceitaria perdê-la. E agora qual a solução para esse jovem casal? Tico-Tico tem uma ideia. Ele fala baixinho no ouvido de Bartolomeu e depois no ouvido de Pedro. Pedro diz aceitar a proposta do Tico-Tico. De repente o jovem é envolvido por uma nuvem, e vira um lindo tritão. Yara fica tão feliz e agraciada que dá um grande beijo em Pedro. O rei fala que agora eles poderão viver juntos para sempre, mas é claro que perto dele e diz ainda que no futuro Pedro irá se o rei daquelas águas.

A história termina, ou melhor, começa com uma linda festa de comemoração, uma banda de cavalos marinhos, comidas, rodas de danças e música. Yara e Pedro juntos para sempre.

Mas será que irão ser felizes para sempre, já que a bruxa prometeu se vingar até no inferno?

O curumim e o passarinho

Maria Francisca da Silva Lima

No coração da floresta amazônica, na margem esquerda do rio Solimões, morava Chico com seus três filhos e sua esposa Maria. Tauan era o mais novo, ele tinha dez anos, era um curumim esperto e de bom coração e, como era o mais novo, sempre estava só. Ele tinha um segredo. O segredo era que ele tinha o dom de falar com os animais.

No domingo após o almoço, Tauan foi brincar próximo a um igarapé e lá ele viu um pequeno passarinho cantando e todos os demais pássaros ficavam calados. Tauan falou:

- Como você canta bonito!

O passarinho veio até onde estava o menino e falou:

- Você entende tudo que eu canto?

Tauan respondeu:

- Eu entendo tudo que você diz!

- Porque você está cantando tão triste? Esta acontecendo alguma coisa na floresta?

O passarinho falou:

- O meu canto não é triste é um alerta para os animais da floresta!

O Curumim perguntou:

- Diga-me passarinho, qual é seu nome?

- Meu nome, repetiu o passarinho, é Uirapuru, e o

seu?

- Tauan! Respondeu o menino retrucando rapidamente:

- Porque você está alertando os animais da floresta, eles estão correndo algum perigo?

- Sim, respondeu o Uirapuru – chegou um monstro que esquenta água, sufoca os pássaros e os animais e mata tudo por onde passa.

Tauan falou:

- Os meus pais precisam saber desse monstro, venha até minha casa.

O Uirapuru falou:

- Não posso sou um pássaro raro e teu povo tenta me capturar, são poucos da minha espécie que ainda vivem nessa floresta. Vá você até lá e conte o que está acontecendo.

Tauan saiu correndo e ao chegar em sua casa teve uma surpresa, seu pai e seus irmãos haviam saído de viagem e iriam passar uma semana fora.

Tauan falou que estava acontecendo à sua mãe, mas ela não deu importância, ele voltou para o igarapé.

O Uirapuru viu que não teriam ajuda dos humanos, e falou:

- Vamos meu amigo precisamos destruir um monstro que está destruindo nosso lar. Os dois saíram caminhando pela margem do igarapé, quando encontraram vários cardumes de peixes, fugindo em direção do rio Solimões, Tauan perguntou:

- Pode me falar como é esse monstro?

Um dos peixinhos que estava à frente do cardume

respondeu! - Só sabemos que ele esquenta as águas e mata tudo.

Tauan e seu amigo Uirapuru saíram caminhando pela floresta, quando encontraram muitos animais e pássaros fugindo desesperados, gritaram em bando: Fuja também, príncipe e leve seu amigo, o monstro não teme a ninguém.

Tauan assustado subiu em uma árvore, quando ouviu-se um estrondo vindo do meio da floresta. Do alto podia-se ver uma grande destruição, o monstro que eles temiam era um grande incêndio na floresta. Os dois estavam desesperados e perguntavam-se como iriam apagar aquele fogo. Tauan com um galho de uma árvore tentava apagar o fogo, a fumaça invadia todos os lugares, Tauan trêmulo e desesperado olhou para o céu e falou:

- Deus do vento, do sol e da lua, Deus que criou o céu e a terra e todo ser vivente, porque esse fogo não pode ser apagado? Entre lágrimas ele se lembrava de sua mãe, pois sabia que logo o fogo chegaria em sua casa, Uirapuru começou a cantar, seu canto ecoava pela floresta em chamas, quando Tauan olhou para traz pôde ver todos os animais retornando para o lugar onde estava o incêndio, e todos cantavam em uma só voz. Tauan podia entender o que eles cantavam. E cantavam: Esse é meu lar, esse é meu chão, Deus criador traz salvação.

Eles repetiam sem parar, podia-se ouvir um canto perfeito como uma oração a Deus, então do céu começou a cair um grande temporal, a chuva era tão forte que o fogo não resistiu e apagou-se.

Tauan, os pássaros e os animais choravam de alegria, aquele monstro que destruíra, havia sido destruído. Tauan ouviu e viu homens conversando sobre o incêndio que tinha fugido do seu controle, eles eram traficantes de animais e de madeiras, Tauan ficou furioso

ao ouvir a conversa daqueles homens, e falou em alta voz:

- Amigos da floresta protejam nosso lar.

A onça começou rugir ferozmente na direção daqueles homens, eles saíram feito loucos correndo pelas queimadas que eles mesmos haviam provocado, ao saírem da floresta depararam-se com a polícia ambiental, onde foram levados presos. Tauan ficou triste com o tamanho da destruição e com as vidas que haviam se perdido, muitos pássaros e animais chegavam de outra parte da floresta onde o fogo não havia atingido; eles traziam sementes, e Tauan e os animais começaram a replantar novas mudas de árvores, Tauan voltou para casa, sua mãe estava muito preocupada com ele, os dias se passaram e Tauan e os animais voltaram ao lugar do incêndio, as sementes já haviam nascido, chegaram muitas pessoas no lugar onde o fogo havia destruído, Tauan ficou escondido com os animais na floresta, todas as pessoas ficavam se perguntado quem havia plantado aquelas novas árvores. O uirapuru como era muito levado começou a cantar, as pessoas ao ouvirem ficaram maravilhadas.

O pai de Tauan voltou de viagem e encontrou em vez de um menino um grande guerreiro, seu filho Tauan.

Tauan continuou lutando pela preservação da floresta junto com seu amigo Uirapuru. Ele sabe que sua luta está longe de acabar, Tauan tenta conscientizar as pessoas que se não preservar, não é somente os animais que irão desaparecer, mas toda vida na Terra.

No silêncio das noites enluaradas pode-se ainda ouvir o canto do Uirapuru cantando e encantando na floresta Amazônica.

O encanto de um jovem sedutor

Maíra Barbosa de Oliveira

Aconteceu em Manacapuru, em uma comunidade chamada Vila do Laranjal, à margem esquerda do rio Solimões, onde morava Clara e sua família. Clara era uma jovem morena, alta, olhos castanhos e cabelos pretos, muita simpática, educada, estudiosa e muito sonhadora.

Uma bela tarde Clara estava admirando a praia e as águas barrentas do rio Solimões quando avistou uma pequena embarcação atracando no porto. Dela desceu um belo moço, moreno, olhos verdes, alto, corpo escultural. Ele se aproximou de Clara e a cumprimentou com um sorriso, lhe falou que se chamava Bruno, e que estava passando pelo local quando avistou a bela moça sentada em um banco à sombra de uma mangueira e resolveu parar para conversar. Disse que estava morando há pouco tempo em localidade próxima e estava em busca de novas amizades.

Os dois jovens conversaram, e ao entardecer foram interrompidos pela irmã da moça que veio chamá-la à mando de sua mãe. Clara e Bruno se despediram com a promessa de voltarem a se encontrar em breve. Voltando para a sua casa a moça lembrava-se do sorriso e da beleza do rapaz.

Passaram-se alguns dias, era uma bela noite de luar em um sábado, acontecia um arraial na comunidade, Clara foi ao festejo com sua família e ao chegar no local avistou Bruno. A moça ficou muito contente ao reconhecer o rapaz que estava todo vestido de branco e usando um bonito chapéu, os dois se aproximaram e

cumprimentaram-se. Conversavam e dançaram muito até a meia noite, pois o rapaz precisava voltar para sua casa. Bruno prometeu que voltaria em breve, deixando Clara com a esperança de revê-lo novamente.

Clara estudava, conversava, se divertia, mas não esquecia o rapaz. Depois de alguns dias Bruno voltou e encontrou Clara que o esperava no mesmo local. Quando a jovem avistou Bruno, esta ficou muito feliz, os dois se abraçaram longamente e aconteceu o primeiro beijo. O moço a pediu em namoro. Clara aceitou, mas tinha que pedir permissão aos pais.

Então Bruno foi até seu João e dona Ana e pediu a bela morena em namoro. Os pais da moça relutaram, pois para eles a vida do moço era um mistério. Mas para ver a filha feliz deram autorização para o namoro.

Na despedida Clara perguntou a Bruno:

- Quando você volta?

Bruno respondeu:

- Voltarei logo minha querida, pois não posso ficar muito tempo longe de você, meu amor.

Passaram alguns meses de namoro, mesmo assim Clara e a família tinham pouca informação sobre a vida de Bruno, porém o namoro já havia evoluído para noivado. Já estavam de casamento marcado quando Clara descobriu que estava grávida, e ficou esperando a volta de seu noivo. Para sua surpresa ele não voltou a visitá-la.

A jovem o esperou sentada no mesmo banco embaixo da mangueira, e ele não voltou, nem mesmo quando a filha nasceu. Clara continua a esperar por seu grande amor todos os dias, junto com sua filha que ainda espera conhecer o pai.

O encanto

Jairo Vinícius Souza Franco

Em uma comunidade ribeirinha do município de Manacapuru, localizada às margens do rio Solimões vivia uma família de caboclos conhecida pelo capricho na arte da pescaria e pelo dom no trabalho com a terra.

Viriato era o patriarca da família e sempre vivia muito ocupado em sua árdua tarefa de sustentar seus pequenos guris, quando não estava a caçar um belo pirarucu para orgulhar sua dedicada esposa Maria, certamente estava colhendo mandioca de sua próspera plantação que ficava a alguns quilômetros de seu modesto refúgio construído integralmente de palha e toras açai.

Sua família vivia unida e feliz, apesar da simplicidade e do cansaço da árdua rotina diária. Certa noite, logo após um jantar regado a mixira de pirarucu e tucupi, Viriato chamou seus dois filhos mais velhos e ordenou que eles dormissem mais cedo que de costume, pois na manhã seguinte teriam muito trabalho a fazer.

Logo pela manhã, antes mesmo dos pássaros cantarem, os três pegam uma de suas canoas e saem em direção a roçado. Ao chegarem no local eles dividem suas tarefas e começam a trabalhar incansavelmente até aproximadamente meio dia, quando a fome começa consumir seus estômagos.

Seu Viriato como de costume já trouxera a panela cheia de casa com o que havia sobrado da noite anterior. Era cerca de onze horas da manhã quando ele foi buscar a comida que estava no porão da canoa a alguns metros dali, no caminho seu Viriato sempre tinha o costume de cantarolar canções antigas.

Em certo ponto do caminho uma voz suave começou a cantar juntamente com ele trazendo um espanto misturado com curiosidade, pois aquela voz era tão linda que ele sentiu o desejo de ver de qual boca saíra aquele som maravilhoso.

Passaram-se várias semanas, mas aquela voz jamais saíra da sua cabeça até que certo dia por motivos de saúde seus dois filhos não o acompanharam na sua jornada.

Por necessidade de buscar o sustento para sua amada família seu Viriato pegou seu remo, sua canoa e foi-se, pois já era tarde e o trabalho não espera.

No caminho começou a cantarolar aquelas músicas de seu tempo de juventude uma após outra. Quando ele menos espera sente que algo se sentou na parte de trás de sua pequena canoa e sente um grande arrepio em todo seu corpo.

Atônito ele rapidamente olha para a parte de trás e tem um grande susto ao contemplar uma criatura com grandes cabelos loiros, olhos amarelos, pele sedosa e com pequenas folhas cobrindo apenas suas partes íntimas.

Diante dessa visão um grande silêncio ocorre um sua alma o fazendo perder a consciência por alguns minutos.

Ao acordar ele encontra-se deitado sobre as belas coxas torneadas daquela linda mulher, com uma grande confusão em sua cabeça ele pergunta:

- Quem é você?

Ela responde com aquela linda voz suave que cantarolava:

- Sou seu amor.

- Mas como, eu nem sei que é você.

Então ela diz:

- Agora você é meu.

E começa a beijá-lo como uma verdadeira mulher de carne e osso. Diante disso o simples homem não resiste e se entrega aos encantos daquela criatura farta de beleza feminina.

Passam-se vários meses e aquela linda criatura sempre o visita com frequência para desfrutar dos prazeres com aquele simples homem.

Seis meses se passam desde o primeiro encontro até que um dia aquela linda mulher lhe faz uma proposta surpreendente:

- Você precisa deixar sua família e ficar comigo, pois se você não deixar sua esposa todos da sua família irão adoecer e morrer um a um.

- Por que você está fazendo isso meu amor?

- Por sermos de mundos diferentes e fizemos algo proibido.

Seu Viriato, apesar de estar apaixonado por aquela linda mulher, não dá ouvidos às suas palavras e passa a esnobá-la a partir de então.

Algumas semanas se passam e um dos seus filhos é picado por uma cobra venenosa e fica à beira da morte. Em um momento oportuno aquela linda mulher surge e diz:

- Eu posso salvar seu filho mais tudo depende de você.

Ao ouvir aquelas palavras da boca daquele encanto de mulher seu Viriato sente que seu coração encontra-se

diante de um grande dilema.

Em função desta situação ele despede-se do seu filho que se encontra no leito de morte e faz um pedido a ele dizendo:

- Meu filho cuide bem da sua mãe e dos seus irmãos.

Ele olha para seu pai e com a voz trêmula diz:

- Não entendo o que o senhor está falando!

- A partir de hoje meu filho você será o homem da casa.

Após cerca de duas semanas o grave ferimento que existia na perna daquele rapaz já não passava de uma pequena cicatriz insignificante.

Dona Maria sentia-se consolada em ver seu filho mais velho gozando de saúde, pois uma semana após a cobra o ter picado seu esposo Viriato saiu para seu árduo trabalho e nunca mais voltou.

Apenas sua humilde canoa fora encontrada sendo levada pelo vento às margens do rio Solimões.

O fogo-fátuo

Alexandre Ricardo von Ehnert

O fogo-fátuo é de fato um fogo? Essa é uma pergunta que muitas vezes me fiz, e também fiz a muitas pessoas.

No rio Manacapuru, bem no centro da Amazônia, uma vez que estive lá pedi para comer um jaraqui salmourado e frito com chibé de farinha d'água, mas foi uma grande frustração. Motivo: não tinha peixe na comunidade, nem um sequer para fazer remédio, como diz o povo do interior.

Aquilo muito me intrigou, pois já tinha ido lá várias vezes, terra de gente simples, mas farta de comida boa, peixe, macaxeira, castanha da Amazônia (já que não é só do Pará), vários tipos de caça diferente, latas e latas de mixira de peixe-boi, banana pacovã, muita coisa gostosa. Como disse era terra simples, de gente sofrida, mas de muita fartura.

Frente a minha indignação se fez necessário arguir o caboclo acerca de tal absurdo: como pode terra de fartura estar sem peixe para comer? A resposta foi de arrepiar os cabelos, mas tudo verdade, pois quem me contava era acima de suspeitas e superstições tolas, era homem de uma palavra só e de muita coragem. Disse ele:

- Sabe homem, o povo daqui está sem coragem de pescar, pois coisas estranhas andam acontecendo na beira do rio. Todas as madrugadas aparece no beiradão um fogo, que passa alto e devagar, às vezes em silêncio, às vezes acompanhado com gritos terríveis. Ele aparecia lá por volta das quatro da manhã, bem no horário que os pescadores saem pra pescar. Os pescadores estão com

muito medo, pois dizem que é o “fogo-fato”, e não é de bem, é de mal, pois nada que é bom grita daquele jeito.

Achei estranho, mas vindo de quem veio era de se admirar se não fosse coisa feia realmente esse fogo. Os olhos do caboclo só faltavam pular do rosto enquanto me contava, e olha que era um ribeirinho de nascença, que dizia já ter visto todo tipo de coisa pelas beiradas de rio em que passara, pescando muitas vezes sozinho pelas madrugadas.

Indaguei se ninguém tinha ido de perto ver o que produzia o fogo, e a resposta foi certa: É visagem na certa.

Na comunidade somente seu Neco, morador de casa flutuante na beira do rio bem onde passa o fogo dizia não ver nada, pois só acordava depois das oito, tinha um sono de pedra e não gostava de peixe. Vivia somente de caça.

Comi naquela tarde somente macaxeira frita com um café delicioso, servido em latinha de extrato de tomate como era de costume, mas não me dei por convencido acerca do tal fogo, queria saber se esse fogo era realmente o fogo-fátuo. De madrugada levantei ainda escuro com o movimento dentro da casa, pois alguns pescadores se organizavam para ir ao barranco ver se o fogo novamente estava lá. Não sei se fiquei com mais medo da possibilidade de um fogo que anda sozinho ou do fogo nas porongas sobre a cabeça dos homens, que davam um ar sombrio quando refletido em seus rostos marcados pelo sofrimento da vida na floresta. Eles estavam se organizando para ir novamente ver o que era, e resolvi ir junto, mais por curiosidade do que por vontade de intervir e resolver o problema dos pescadores. Pensei em apenas ir espiando de longe, para não correr risco. Mas um dos pescadores disse:

- Paulista, não vem com a gente não! Isso é coisa perigosa, e você vai dar mais trabalho do que ajudar. Você nem acredita em visagem, diz que é tudo leseira, mas essa noite vamos rezar até a visagem ir embora pra sempre. Valei-me Senhor!

Só depois de muita insistência me deixaram ir junto, mas na condição de não gritar de medo e nem correr pra mata para me esconder, como se eu fosse homem de fazer essas coisas. E lá fui eu junto com eles, danado de curiosidade.

De longe começamos a ouvir gritos, arrepiantes. Lá chegando não é que realmente tinha o tal fogo andando, vindo ao longe na beira do rio! Todos começaram a rezar, cada qual de acordo com sua crença, até choro se ouvia. Mas a curiosidade estava me matando e resolvi silenciosamente ir mais perto, para ver o que era aquilo.

Comecei a andar sem luz para não ser visto e desci por um caminho bem pisado que levava para praia na beira do rio. De longe avistei um flutuante, certamente a casa de seu Neco, e me escondi. De onde fiquei consegui ver o fogo se aproximando cada vez mais e mais, e o meu medo começou a aumentar, mas não sei se pelo medo ou pela coragem nada fiz, só fiquei parado, escondido. De onde estava ainda era possível ouvir vozes dos moradores proferindo rezas desconexas, ladainhas e choradeiras. Eram muitas vozes e já estavam longe. Também me apeguei a Deus e ali fiquei imóvel, quase sem respirar.

E o fogo vinha alto, cada vez maior. De repente na porta da casa flutuante apareceu um vulto, como o de uma mulher bonita e nua, que saiu e acenou em direção ao fogo, que parou no mesmo instante. O fogo parou, mas a mulher continuou acenando e um segundo vulto, agora de homem jovem apareceu em meio à escuridão da

pequena praia, e sumiram para dentro da casa.

Sai de mansinho e fui andando abaixado, quase rastejando em direção ao tal fogo-fátuo que vinha assombrando os pescadores e moradores do lugar. Foi quando vi uma grande vara espetada na areia, tinha pra mais de cinco metros de altura e lá na ponta uma tocha que soltava um fogo azulado, diferente do fogo da poronga ou do candeeiro. Ao chegar mais perto percebi uma pequena botija de gás, e uma mangueira que levava até lá em cima, e no topo um lampião a gás, de camisa daquelas bem grande. O estranho é que além do fogo tinha também uma proteção de vidro grosso com cor azul. Talvez um garrafão de vinho velho, sem fundo e com as pontas quebradas.

Apaguei o fogo no registro e fiquei só esperando, para ver o que ia acontecer. Passado um tempo o homem saiu da casa, era um pescador da comunidade vizinha que eu conhecia de vista e correu para acender de novo o fogo. Quando ele baixou o lampião para acendê-lo novamente eu apareci, e ao disparar o flash da minha máquina fotográfica em sua direção dei um baita susto nele. Ele nem quis brigar, se recompôs, uma vez que estava nu, e aí começou a me explicar que ia lá namorar a esposa do seu Neco, que dormia como um porco e nada ouvia do que fazia em sua casa todas as noites. A luz azul era só para espantar os pescadores, para não ser apanhado.

Enquanto conversávamos ainda era possível ouvir a reza do povo ao longe, mas naquele momento eu sentia vontade de rir de toda a armação que o caboclo fazia só para namorar escondido.

Depois de uma boa bronca ele jurou que não voltaria mais lá, uma vez que havia sido descoberto. Eu como não tinha nada a ver com a história das pessoas que ali

moravam garanti a ele que também nada contaria, sendo que somente a fotografia ficou na minha máquina pra provar a história que vivi.

Na manhã seguinte era comentário geral na comunidade que no auge da reza a luz se apagou e depois de um grande clarão nada mais se viu na beira do rio. Ainda hoje quando volto lá o povo retoma a conversa tentando me provar que a reza foi forte, que ela espantou a visagem. Dizem que o “fogo-fato” nunca mais apareceu por lá, e se aparecer é só o povo se unir e rezar com fé que tudo desaparece.

E quanto à pergunta inicial acerca de se todo fogo-fátuo é de fato um fogo, ainda ouço muitas outras histórias de fogos estranhos que seguem barcos, pessoas e que aparecem na mata e nos rios. Sei também que existe de verdade, até comprovado cientificamente, mas nunca vi.

Agora, esses que vem todos os dias no mesmo local e na mesma hora são “causos” mal contados, mas deixa pra lá, pois que graça teria a vida se soubéssemos de tudo.

O gritador da olaria

Pedro Monteiro da Silva

Noé um jovem que residia na rua Castro Alves no município de Manacapuru, relata que em meados da década de 70, aconteceu um fato que deixou os moradores daquele povoado inquietos.

Nesta localidade, viviam pessoas que moravam em casas de madeiras, com coberturas de palhas, que bebiam água de cacimba, e que sobreviviam da roça e da pesca, pessoas simples sem muita vaidade. As mesmas mãos calejadas do roçado colhiam alimentos para o sustento e criavam caminhos em meios às matas a procura de caça.

Campos de terras batida era o espaço para curumizada brincar de bola. Quando chegava a noite a vela era a única luz que clareava a sala de madeira, onde todos se reuniam para ouvir as histórias contadas pelos mais velhos, o medo imperava sobre a meninada, quando se falava das histórias sobre fantasmas e assombrações.

E em uma dessas narrações, o jovem Noé ouvira falar que no ano de 1970, aconteceu um fato que deixou os moradores com bastante medo. Tudo ocorreu em uma noite de lua cheia, após o falecimento de um antigo morador que vivia próximo a Frigelo, era um ferreiro que construía arpões e zagaias para os pescadores.

Quando completou o sétimo dia de seu falecimento alguns moradores começaram a ouvir o grito de um homem, e esse grito ecoava de dentro de uma antiga fábrica de tijolos, que ficava às margens do rio Miriti, próximo ao campo do Princesa. O acesso à fábrica era

muito difícil, os caminhos que lá existiam estavam cobertos pela vegetação e os poucos que se arriscavam ir a esse lugar eram os pescadores, pois os mesmos usam aquele lugar para atracar suas canoas.

Esse ocorrido começou a deixar os moradores aflitos, as residências logo cedo eram fechadas, os arpões, as zagaias e malhadeiras eram guardadas, as redes eram armadas para o descanso do corpo, e o silêncio pairava sobre as residências, só era interrompido pelo som dos sapos cantando.

Próximo da Olaria vivia um senhor viúvo por nome de Miguel. A meninada gostava de visitar a casa do viúvo porque lá existia um campo e, aos fins de tarde, eles se reuniam para brincar de bola. Em uma dessas brincadeiras de futebol, Noé reuniu os amigos para uma conversa a respeito do gritador da Olaria. O jovem propõe aos demais colegas que todos se reúnam na noite de lua cheia para que possam capturar “o gritador da olaria”, e todos concordam com a ideia.

A noite esperada chega e todos se dirigem para residência do Senhor Miguel, pois sua residência ficava a cem metros da Olaria. Miguel costumava dormir cedo, armava sua rede e seu mosquiteiro e ficava a esperar o sono chegar.

Logo que chegaram à casa de Miguel, todos se dirigiram para o campo de futebol, e ficaram a espera do gritador aparecer, nas mãos empunhavam pedaços de madeiras. Quando as nuvens começaram a escurecer a luz que refletia da lua, a ansiedade e o medo começaram a tomar de conta de todos, os corajosos meninos ficaram trêmulos ao ouvir um grito agudo que penetrava seus ouvidos. As pernas não tinham força para correr, o coração bateu mais acelerado. Quando o segundo grito foi

ouvido mais próximo, quem disse que algum corajoso teve a coragem de ficar no campo para capturar o gritador, todos rapidamente correram para dentro da casa do senhor Miguel. Quando o viúvo percebeu os meninos estavam todos debaixo do seu mosquitoeiro, e a peripécia dos jovens não obteve êxito, e o gritador continuou a gritar ainda mais forte.

O terceiro grito foi ouvido perto do campo do Riachuelo, outro foi entoado na Rua Ribeiro Junior, e por fim o último ecoou dentro do cemitério São Francisco Xavier, onde não se ouvia mais nem um grito.

E assim o mistério do gritador da olaria se repetia nas noites de lua cheia.

O vaqueiro Jerônimo e a sereia

Márcia Pantoja

A noite passada não fora nada fácil para Jerônimo. Depois de passar horas tentando resgatar uma bezerra que havia se desgarrado pelo pasto afora, o moço robusto queria apenas umas poucas horas para descansar e retomar as forças, pois na manhã seguinte ele teria que estar de pé bem cedinho para ir ao curral ordenhar as vacas. No dia seguinte a luta seria grande como todos os dias, mas, especialmente naquele dia a história de Jerônimo tomaria um rumo surpreendente.

O dia começou como todos os outros. A lida seria a mesma se não fosse a chegada de uma bela moçoila. Rosa era o nome dela. A estatura mediana exibia um belo par de coxas que faziam qualquer homem se embrenhar por uma floresta a fim de resgatá-la por ter se perdido no meio da mata.

Seus olhos graúdos e negros penetravam a alma de quem a encarava e de uma forma tão enigmática arrancava o mais íntimo segredo de um homem apaixonado. Nas noites de festejo do pequeno vilarejo de Terra Preta a bela morena põe-se a dançar sozinha fitando Jerônimo como se o convidasse para cortejá-la e até mesmo se aventurar a ganhar um beijo ardente que faria com que o moço se encantasse de tal forma que daquele momento em diante não conseguiria mais se vê sem o amor de Rosa.

Os dois se olharam até que, lá, pela meia noite, Jerônimo encheu-se de coragem e, aproximando-se da bela morena a convidou para uma dança. Foi apenas a

primeira de muitas danças que vieram até o surgimento do dia com o nascer do sol.

Os dias se passaram e o amor de Jerônimo e Rosa aumentava a cada dia até que, em uma manhã a bela moça não apareceu no curral da fazenda em que o rapaz trabalhava. Ele fez todas as suas tarefas como de costume, porém, seu coração estava inquieto, pois ainda não havia visto seu amor naquele dia e, isso lhe maltratava muito já que se acostumara contemplar os olhos negros da bela morena a lhe dizer sem palavras o quanto poderiam ser felizes juntos.

Terminadas as tarefas o moço pôs-se a procurá-la pelas redondezas até reconhecer a chegada do cansaço. O dia findou e nada de Rosa aparecer até que, depois de muitos dias desaparecida a moça voltou como se nada tivesse acontecido. Mas ao reencontrá-la Jerônimo percebeu que algo a estava inquietando. Apesar do semblante de calma Rosa deixou por um momento transparecer a sua infelicidade, não por culpa de seu amor mas por necessidade.

Depois de muito indagar Jerônimo conseguiu descobrir o que afligia sua amada. Ela, em uma de suas peraltices acabou distanciando-se do seu reino e por acaso descobrira o vilarejo de Terra Preta. Até aqui nada de extraordinário, já que a moçoila era acostumada a fazer travessuras e desbravar mundos diferentes do seu, no entanto, dessa vez algo diferente aconteceu. Ela havia se apaixonado pelo vaqueiro que também correspondeu aos seus sentimentos de forma tão verdadeira que passaram a se alimentar do amor que um nutria pelo outro. Mas a moça precisou voltar à realidade e encarar o fato de que os dois não poderiam continuar vivendo aquele amor, pois, ela deveria voltar o mais rápido possível ao seu mundo em

pelo menos uma semana. Sim, esse foi o tempo que sua mãe lhe permitiu ficar no mundo acima das águas. Rosa encheu-se de coragem e abriu seu coração a Jerônimo. Contou a sua verdadeira história e, acrescentou que não poderia mais viver sem aquele amor tão puro, verdadeiro e mágico. Sim, mágico. Ela era, na verdade, uma sereia muito jovem que até conhecer o belo moço não se importava com ninguém. Mas agora podia entender o que é amar alguém.

Depois de revelar a sua identidade Rosa e Jerônimo chegaram à conclusão de que não poderiam mais viver separados, entretanto, viviam realidades diferentes e, um deles teria que abrir mão de sua vida.

No dia determinado para a volta de Rosa ao mundo das águas a surpresa aconteceu: Jerônimo decidiu que nada mais teria sentido se ele abrisse mão daquele amor que fazia seu peito arder de tão grande e intenso que era e, nada do que acontecesse o faria desistir de seu amor. E, decidiu resolveu partir com sua amada para o mundo desconhecido. E, assim, puderam viver o seu amor eterno.

Rara beleza de Manacá

Cristiane Barros Praia

Sempre que estava de férias José visitava sua avó que morava em uma fazenda no interior de Manacá, e lá José se sentia dono da natureza. Crescera correndo pelos campos. Trepava nas árvores para comer biribá, ajudava sua avó a colher os ovos da galinha, brincava de jogar bola. O seu lazer favorito era pular n'água com seus primos e apostar quem chegava do outro lado da margem de um rio estreito para sentar em um tronco de árvore e observar o pôr do sol.

Mais a sua visita à casa da avó estava com os dias contados, pois ao morrer seu avô não havia pago todas as prestações da fazenda e a mesma ia ser vendida a um comprador que há muitos anos estava de olho naquelas terras.

Dona Matilde, avó de José, era uma idosa cheia de saúde e boa contadora de histórias. Antes de fazer os meninos dormirem contava-lhes muitas histórias de aventura e suspense, entre as preferidas dos netos uma delas falava do triste fim dos índios Muras. Parte dessa trama falava da chegada dos espanhóis na terra de Manacá há muito tempo, época em que eles traziam muito ouro para trocar com os índios Mura. Os índios, por sua vez, lhes davam comida e tudo o que precisassem em troca recebiam esse metal precioso. Como os índios não sabiam para que servia aquilo e apenas brilhava enterravam e uma boa parte foi enterrada em uma caverna. Os espanhóis eram espertos e se apossaram da terra dos indígenas e quando disseram que queriam o ouro de volta e que eles deveriam procurar outro lugar para morar, logo

os índios se reuniram e iniciaram uma batalha sangrenta. Contudo, os espanhóis dizimaram os indígenas, pois tinham armas mais poderosas, mas eles foram amaldiçoados pelo pajé que antes de morrer lhes disse:

- Homem branco ingrato, nunca acharão esse ouro e quem achar vai virar escorpião.

Os desgraçados saíram dando gargalhada, mas o que o pajé disse aconteceu eles nunca encontraram o tesouro.

-Bom meninos é hora de dormir, disse Matilde apagando a lamparina.

Apesar de ser uma senhora alegre na frente dos netos, escondia a tristeza de ter que abandonar seu lar, onde vivera muitos momentos felizes, mas era confiante que no final tudo ia dar certo.

Todos os dias José acordava bem cedinho com o cantar do galo, e logo corria para cozinha para provar os quitutes da avó que para ele eram os mais saborosos do mundo. Tinha de tudo: bolo de fubá, pamonha, leitequentinho tirado da vaca, quindim, suco de frutas, tapioquinha, x-caboquinho, banana frita e cozida, bolo de chocolate, café, cará cozido, batata doce, mel, geleia de bacuri, variados tipos de frutas, era uma mesa completa.

- Coma mais devagar meu neto e mastigue bem os alimentos! Disse a avó.

-Mas vô meus primos estão me esperando vamos passear a cavalo. Respondera José.

Assim que terminara de tomar o café foi encontrar com os primos para dar o tão sonhado passeio a cavalo, mas antes de sair a cavalgar gostava de molhar os pés na grama com os respingos de neblina que cobriam o

gramado, sentir o ar puro passando por suas narinas, ouvir o belo canto dos pássaros e observar as árvores a perder de vista com os raios de sol embelezando o dia. Só depois foi passear.

Certo dia, em um desses passeios José e seus primos encontraram uma casa de abelhas no galho de uma árvore, e logo foram ver se tinha mel. José cutucou com uma vara e para infelicidade de todos só tinha as abelhas que voaram em cima deles. Eles saíram correndo e mergulharam no rio, ficando de “bubuia” por um bom tempo até que as abelhas fossem embora. Passado uns minutos saíram de dentro d'água e José teve a ideia de caminharem pelas margens do rio até encontrarem a nascente. Todos concordaram afinal ainda eram 8 da manhã e faltava muito para o almoço. Caminharam bastante tempo até que encontraram uma queda de água muito bonita, ficaram maravilhados, nunca antes encontraram algo tão bonito. A queda d'água vinha de uma grande rocha, foram até ela e descobriram que se tratava de uma caverna.

-José será que não é a caverna da história da vó? Disse um dos primos brincando.

-Tu é doido é, e se for não vou querer virar escorpião, respondeu José.

Pedro que era o mais corajoso entrou na caverna e passado uma hora gritou lá de dentro:

-Achei um baú, venham aqui.

Curiosos, não aguentaram, esqueceram da maldição e correram para dentro. Cada um pegou de um lado, tentaram levantar fazendo um esforço tremendo, porém a arca era muito pesada, só depois de muito tentar conseguiram trazer a arca para fora.

-E agora como vamos levar esse baú para fazenda? - disse Pedro.

Foi então que lembraram que deixaram os cavalos amarrados em uma árvore antes de saírem correndo das abelhas.

-Temos os cavalos e vamos depressa que já deve ser meio dia, pois minha barriga já está roncando, disse José passando a mão na barriga.

Voltaram seguindo pela margem estreita do rio até o ponto onde deixaram os cavalos e quando retornaram a caverna arrancaram uns cipós de uma árvore e fizeram outro esforço para amarrar o baú no cavalo.

Quando chegaram em casa contaram tudo o que acontecera no passeio a avó e que estavam que não se aguentavam de tão felizes por descobrir o tesouro perdido. Na arca havia uma inscrição em uma língua no qual não entendiam, foi então que José teve que retornar a cidade de Manacapuru para traduzir a inscrição.

Sua principal fonte foi os livros antigos da biblioteca da cidade, e depois de muito procurar finalmente achou um livro grande encapado com couro e penas, folheou e foi descobrindo a tradução de letra por letra até que chegou ao seguinte resultado: “Somente o ser humano puro e bondoso poderá possuir esse brilho, contudo terá que plantar uma flor lilás”.

-Que flor lilás será essa? Perguntou a senhora que lhe ajudara a encontrar o livro.

A bibliotecária prontamente responde:

-Meu filho, a flor lilás é a mesma que deu origem ao nome desta cidade: Manacá, quer dizer flor em tupi e em Puru significa enfeitado, matizado.

-Muito obrigado minha bondosa senhora, poderias me dizer onde encontro essa flor? Falou José.

-As pessoas antigamente costumavam enfeitar seus jardins com essa flor, deve ser difícil encontrar essa raridade atualmente, mas não desista, responde a bibliotecária.

-Bom de qualquer forma, muito obrigado. Disse José.

O menino saiu em busca da flor pela cidade, procurou na casa dos padres, visitou casas de pessoas mais idosas e ninguém possuía a tal flor.

Viajou novamente para a fazenda da avó, porém estava feliz e triste ao mesmo tempo, uma por ter encontrado o tesouro e decifrá-lo e outra por não ter achado a flor matizada.

José contou em detalhes sobre sua missão em descobrir a tradução da inscrição para a avó e que teria que plantar uma flor, mas que estava triste por não tê-la encontrado.

- Não se preocupe Zé, minha mãe plantava essa flor e antes de partir me deu um livro falando da história de Manacapuru e dentro havia uma muda em um saquinho com um pouco d'água. Ela me disse para plantar essa flor quando fosse necessário. .

José pulou atônito de alegria e saiu abraçando a avó, os primos, os tios, as galinhas.

- Não acredito, vó. Isso é um milagre! Exclamou.

-Graças a Deus você encontrou esse tesouro meu filho e agora não vamos mais perder a casa.

Rapidamente, mudando de assunto disse:

-Depressa pegue a pá e o regador, vou ajudar você a plantar a flor de Manacá, disse a avó

José sem entender o que a avó queria dizer, pediu para ela explicar essa outra história que ele não estava sabendo mais tarde. E assim as esperanças foram renovadas, dona Matilde pôde quitar a casa com o tesouro que jamais poderia imaginar que seus netos iriam descobrir por se tratar de uma história contada pelos antigos. José pôde respirar aliviado por saber que a fazenda realmente se tornara de sua avó, onde passara sua infância, vivendo momentos inesquecíveis.

Tio Nato

Andressa de Oliveira Batista

Tio Nato também conhecido como Nato velho, já falecido, era morador antigo de Manacapuru da tão conhecida família Teles, ele residia na Avenida Ribeiro Júnior, Nº 133 – Centro.

Há quarenta anos Manacapuru era uma típica cidade pacata do interior. Tio Nato era viúvo e criava sozinho sete filhos três meninos e quatro meninas: Zé, João (conhecido como Caru), Berta, Marílo (conhecido como Porco), Bernaide (conhecida como Queleto), Bernaci (conhecida como Quanhem) e Narcilene (conhecida como Enzinho). Onde a regra era: os mais velhos cuidam da casa e dos menores, e os menores respeitam e obedecem os mais velhos. Tio Nato ao chegar do trabalho encontrando todos os filhos na rua tinha um jeito todo especial de chamá-los de uma só vez e em um só fôlego:

“ZÉCARUBETAPASSAPRACASAPORCOQUELETO
QUENHEMEENZINHO”!

O mesmo vivia da pesca e era árbitro de futebol. O seu barco de pesca ficava ancorado na hoje conhecida Ponta do Campo do Princesa no Bairro de São Francisco, onde para chegar até lá tinha que passar por uma trilha e tanto.

Seu tio Nato tinha um filho em especial, por nome de Marílo, este por sua vez muito medroso, tinha medo até da sua sombra. Em uma tarde tio Nato chamou o seu filho:

- Marílo!

- Senhor papai?

- Vai desgotar o barco.

- Hã? . . mas papai. . . já tá chegando a noite. . .

- Vá logo! – Se não aquela peste vai amanhecer no fundo!

Marílhio sentiu um arrepio na espinha e amarelo ficou, pois já iria dar seis horas da tarde e o caminho pelo o qual passava era um matagal e muito sombrio. E então o seu pai reforça:

- Vá logo! – Tá esperando o quê?

E ele franzino foi, tadinho. . . porém o velho disse, sem ele ouvir, quando o mesmo saiu:

- É hoje que acabo com o medo desse menino!

Nisso Marílhio já tinha ido embora, sem ao menos olhar para trás, não reparava nem onde pisava, pois só queria chegar o mais rápido possível para terminar antes do cair da noite. Nisso, o seu pai escondido, o seguia.

Tio Nato tinha épocas que passava meses sem cortar os cabelos, fazer a barba e sem cortar as unhas, ficando daquele jeito, e justamente esse era o período.

Marílhio chegou no barco e começou a desgotar o barco. E vap, vap, vap, vap, vap, vap tirando a água que não olhava nem o tempo passar de tanto medo que já estava.

Ao terminar assegurou-se que o barco estava bem preso e subiu o barranco, pegou a trilha as pressas, quando de repente pulou na sua frente o seu pai, mais feio que a moléstia e diz:

- Búúúúúúú!

Marinho se assusta, arregala os olhos, fica pálido e vai arriando aos poucos com os dois dedos indicadores dizendo:

-Hiii. . . é o Diabo. . .

E caiu desmaiado. O pai grita:

- Vala-me meu Deus! – Matei o meu filho!!!

Marinho não morreu, seu pai não se arrependeu e nem seu medo passou.

Um amor interrompido

Socorro Pessoa

Carlos nasceu na Capital do Amazonas, local onde viveu sua infância juntamente com seus pais que tinham bastante dinheiro. Estudou, se formou, se tornou uma pessoa de classe alta.

Sua vida mudou no momento em que os seus pais resolveram fazer uma viagem de férias, e ele foi junto, foi nessa viagem que sua vida mudou.

Seus pais escolheram uma cidade pequena do estado do Amazonas para tirar férias, cidade essa como é conhecida “Terra da Ciranda”, chamada Manacapuru. Assim que chegaram à cidade, começaram a passear nas ruas, quando de repente aconteceu algo por acaso, sem querer ele esbarrou em uma moça chamada Yasmim, muito calma, meiga, simples, além de muito simpática e bonita. Ele como era um rapaz muito educado, imediatamente pediu desculpa da moça e foi embora como se nada tivesse acontecido.

No dia seguinte, foi passear e esbarrou em uma pessoa, quando levantou a cabeça percebeu que era a mesma moça que ele tinha esbarrado no dia anterior. Naquele momento nasce um grande amor entre duas pessoas de classes sociais totalmente diferentes.

Passado alguns dias, Carlos estava na varanda da casa de sua tia, pensando em tudo que estava acontecendo nas férias e lembrou rapidamente da moça que ele tinha esbarrado, mas não ligou para o fato que tinha ocorrido.

Uma amiga de sua tia bateu na porta e ele foi atender. Quando abriu a porta ficou muito surpreso, ficou encantado com a beleza da moça que ele estava olhando, era a moça essa que ele tinha esbarrado na rua. Yasmim e Carlos se conheceram e resolveram namorar.

Certo dia sua mãe descobriu que ele estava namorando com uma moça que era pobre, que não tinha dinheiro. Imediatamente falou para ele;

- Carlos, eu não quero ver você namorando essa moça que é pobre. Amanhã vamos embora daqui.

Ele ficou muito em não poder mais vê-la. Yasmim também ficou muito triste e não conseguiu entender o que estava acontecendo e Carlos voltou para sua casa na capital.

Passou alguns meses e Carlos não conseguiu esquecer Yasmim, pois ela era pessoa que ele amava muito.

Então ele resolveu voltar para a cidade à busca de seu amor, pois sabia que sua mãe estava sendo muito preconceituosa quando pediu para ele terminar o namoro com Yasmim. Ao chegar à cidade sua tia lhe falou:

- Tarde demais! Yasmim se casou! Mas ela disse que só casou com outro porque você falou palavras que a magoou muito, contudo o amor da vida dela era você.

Carlos foi embora para sua casa muito triste. Foi por causa do preconceito de sua mãe que ele perdeu o amor de sua vida.

Um amor por acaso

Misael Carvalho Lopes

Na capital do Amazonas, existia um homem muito rico chamado Joaquim, ele era casado com a Senhora Fernanda, uma mulher muito simpática que depois que sua vida melhorou costumava ajudar muitas pessoas.

Joaquim quando era mais novo, era um rapaz muito elegante, muito charmoso, pois quando nasceu seus pais já era rico. Fora criado com muitos mimos pelos pais e todas as moças que moravam em sua rua queriam com ele se casar.

Seus pais sempre falavam para ele:

- Joaquim você tem que casar com uma moça que seja rica também.

E Joaquim como era um pouco rebelde sempre respondia:

- Eu vou casar por quem eu me apaixonar.

Fernanda quando nova era uma moça muito bonita, morava no interior do Amazonas, sua família eram pessoas muito simples, não tinham muito dinheiro, e tinham que trabalhar duro para se sustentar.

Por ser uma pessoa que era do interior, Fernanda gostava de muitas aventuras, quando nova era uma moça muito danada.

Certo dia os pais de Fernanda resolveram mandar a filha para a Capital do Amazonas para que ela estudasse. Porém, quando Fernanda soube que seus pais iriam lhe mandar para estudar em outra cidade ficou muito

desesperada. Fernanda falou para seus pais que não queria ir.

E seus pais falaram:

-Filha, você tem que ir, é para o seu bem, você tem que estudar para ser alguém na vida.

Fernanda muito triste, mesmo não querendo ir, falou:

- Está bem! Eu vou.

Ao chegar à capital do Amazonas Fernanda foi estudar, fazer faculdade. Quando entrou na sala avistou Joaquim, e os dois ficaram parados olhando um para o outro, eles nem imaginavam que daquele olhar nasceria um grande amor, e eles não deram a mínima para o que tinha acontecido naquela manhã.

Com o passar do tempo Joaquim foi conhecendo Fernanda, ficou muito amigo dela, ficou sabendo que ele era uma moça muito pobre, mas ele não ligou. Joaquim não sabia explicar o que estava acontecendo com ele, pois ele não parava de pensar em Fernanda, até que um dia ele percebeu que estava apaixonado pela moça, então resolveu a pedir em casamento.

Fernanda ficou muito surpresa ao ser pedida em casamento por Joaquim. A mesma se perguntava:

- E agora, caso ou não caso? E seu coração dizia que sim.

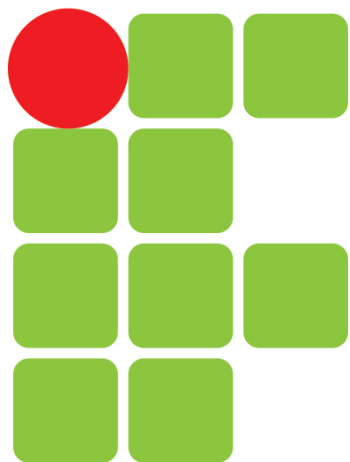
Joaquim ao ouvir Fernanda dizer que sim, ficou muito feliz. Então vamos conhecer seus pais Fernanda, vamos buscá-los para morar juntamente conosco.

Fernanda ficou muito feliz, não esperava que tudo que isso iria acontecer com ela.

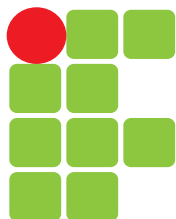
Ao avistar seus pais lhe agradeceram muito.

-Pai! Mãe! Muito obrigada, porque se não fosse vocês nada disso teria acontecido comigo, minha vida não teria mudado.

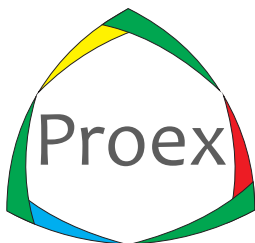
E todos foram muito felizes.



**INSTITUTO
FEDERAL
AMAZONAS**
Campus
Avançado
Manacapuru



**INSTITUTO
FEDERAL**
AMAZONAS
Campus
Manacapuru



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69971-00-9



9 788569 971009

GRÁFICA
Manacá
COMUNICAÇÃO VISUAL
(92) 3361-1883 / 99136-6048